3 1761 06350723 0

28/3/67 8/-

He Ge
Joze Maria Martins
Custou — 600.

CATĀO.

R. Greenlaw, Printer, 39, Chichester Place.

CATÃO,

TRAGEDIA

PELO AUCTOR DE CAMÕES, ADOZINDA,
D. BRANCA ETC.

SEGUNDA EDIÇÃO.

LONDRES:
S. W. SUSTENANCE,
162, PICCADILLY.

MDCCCXXX.

PQ
9261
A575C36
1830

AO LEITOR.

A extrêma indulgencia com que este drama foi recebido do público impunha, ha muito, ao auctor a obrigação de o emendar, e tornar mais digno de tam lisongeiro favor, do que elle sahíra na primeira edição. São todavia passados mais de quatro annos desde que ella se extinguiu, e so agora, na priguiçosa convalescença de longa enfermidade, appareceu breve remanso de mais serios trabalhos, que se lhe podesse dar.

Sôbre feïssima de erros de imprensa, sahiu aquella edição com todas as falhas de "primeiro molde," incorrecta no stylo, falta de natural e verdade na phrase. Além d'estes senões de colorido, accresciam alguns, e muitos, no desenho;—impropriedades na fábula ou enrêdo do drama, inexacções nos characteres—e similhantes. Todos estes defeitos nasceram dos vinte e tantos dias em que a tragedia foi composta, ensaiada e representada,*—e dos vinteum annos que então doudejavam no sangue de quem a escrevia. A todos esses, e ao mais capital d'elles—a tibieza

* A sociedade de curiosos que primeiro a levou á scena, e que tanto applauso lhe grangeou do mais escolhido público que ainda se junctou em theatro portuguez, recebia pouco e pouco as porções da tragedia, ao passo que se iam compondo: e todos os membros d'essa sociedad ´que, excepto um, estão vivos e sãos) presenciaram quantas vezes se compunha na vespera o que no outro dia se tinha de ensaiar.

e pequenez do quinto acto, se pós peito em evitar n'ésta edição.

Sem escrava submissão aos facticios preceitos do theatro francez, nem revolucionario desprêzo das verdadeiras regras classicas (que hoje é moda desattender sem as intender); nem caminhando de olhos fexados pelo estreito e allinhado carreiro de Racine, —nem desvairando á toa pelas incultas devezas de Shakespeare,—procurou o auctor conciliar (e não é impossivel) a verdadeira e bella natureza com a verdadeira e boa arte.

O desanimador estudo do coração humano, o fatal conhecimento das humanas paixões, e de sua influëncia e acção nas revoluções politicas, o habilitaram para intender agora melhor o seu Tito-Livio e o seu Plutarcho. Assim commentados pela experiencia de dez annos de revolução, estes dous grandes phanaes da historia antiga guiaram o auctor da tragedia nas reformas que n'ella fez, no desenho de seus characteres, no colorido de muitas scenas, que, na primeira edição, visivelmente mostravam a mão inexperta do pintor, que as traçava sem ter d'onde copiar *d'après nature*.

Elles o dirigiram e allumiaram em toda quanta emenda, correcção e augmento apparecer n'ésta edição: a elles se reporta de toda a dúvida que na intelligencia de uma ou outra allusão houver; para elles appella de toda a construcção equívoca; a elles se aggrava de toda a malevolente interpretação que lhe derem.

Vinha n'aquella primeira edição uma carta do auctor sôbre a imitação que n'este drama ha, ou havia, do celebrado Catão de Addison. Julgou-se escusado reïmprimi-la aqui, por longa e de pouca

monta. Baste dizer em summa, que——fábula, interêsse, mechanismo dramatico, tudo é differente nas duas tragedias. A de Addison tem seis paixões ou namoros de tarifa, como lhe chama Schlegel;* e conclue na catastrophe com dous matrimonios: n'ésta nem ha amantes nem casamentos nem mulheres. Um moderno viajante† inglez disse da tragedia portugueza: "Perhaps the happiest idea of our (the portuguese) poet is the contrast which he draws between the two characters of Cato and Brutus, both of which are well sustained." "A mais feliz idea do nosso poëta (o portuguez) é talvez o contraste que elle appresenta entre os dous characteres de Catão e de Bruto; os quaes ambos são bem sustentados."

Bastaria este ponto singular para distinguir perpétua e characteristicamente uma da outra tragedia. Os raios do interêsse dramatico que, na ingleza, divergem para os intricados amores de Porcio, e Marco, e Sempronio, e Juba, e Marcia, e Lucia—na portugueza convergem todos para o protagonista, em quem, e na patria e na liberdade que d'elle são parte e n'elle coëxistem,—todo quanto é, o drama se concentra, em acção, em meios, em incidentes, em interêsse—desde a primeira linha da exposição até á última syllaba da catastrophe.

Os namoros de Addison tecem, movem, enredam, e desatam todo o fio de seu drama. Os mais nobres affectos do coração humano, a amizade, o amor paterno e o filial, a devoção civica, o falso e o verdadeiro patriotismo, o enthusiasmo cego, e o illustrado zêlo da liberdade,—com todas as paixões revolucio-

* Curso de litter. dramatica; sôbre Addison.
† Mr. Kinsey's Portugal illustrated.

narias em seus varidados graus e matizes, são o unico movel do Catão portuguez, de todos seus characteres, scenas,—da fábula inteira.

E comtudo, apezar de tanta disparidade, tem elle expressões, versos inteiros imitados de Addison. E porque não, se ellas são boas, e elles bellos? Contar-se-hão porêm raros os logares imitados. Ahi vão denunciados, todos os que lembram.—No act. I. pag. 8, verso 10-14; pag. 17, v. 21-26; pag. 19, v. 5. e seguintes: act. II. pag. 25, v. 12 e seg.; pag. 26, v. 16 e seg.; pag. 28, v. 19-21; pag. 43, v. 5-18. Alêm d'éstas passagens, so no princípio da sc. 2 do V. acto ha uns longes de imitação da sc. 1 do acto V. de Addison: a qual similhança todavia, mais a produziu a commum leitura de Plutarcho* do que nenhuma outra coisa. E não lembra mais de que accusar n'este ponto. Se outras imitações descubrir o leitor, saiba que se lhe não quizeram occultar, e que em se não declararem, so ha culpa de memoria.

Representou-se ésta tragedia, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade de curiosos, em Septembro de 1821. Outra sociedade de igual natureza lhe fez a mesma honra no anno seguinte, em Leiria, com permissão do auctor. Devolvendo, em certo modo, pela impressão, a propriedade do público, foi primeiro representada em público theatro, em Santarem, no anno de 1826. Tambem exilada na geral proscripção de 1828, veio apparecer em Plymouth, onde, se houvermos de crer os jornaes inglezes d'esse tempo, tam bem desempenhada foi por varios officiaes e outros distinctos emigrados portuguezes,—que até dos "spectadores britannos" se não poderá o auctor

* Plutarch. Cat. minor, seu Uticensis.

queixar, como o desterrado Sulmonense dos pouco menos duros Getas:

> Barbarus hic ego sum quia nec intelligor ulli,
> Rident et stolidi ' verba latina' Getae.

Associado a grandes epochas nacionaes,—nacional pela adopção pública, o "Catão portuguez" sai agora (senão foi vão o cuidadoso esmêro e o longo trabalho do auctor) mais digno d'esse antigo fôro, que ainda hade ser illustre e de honrar, por mui abatido e sevandijado que hoje o tenham.

O assumpto é o mais nobre, mais heroico e mais tragico de toda a historia antiga e moderna. Representando as últimas agonias da mais forte, mais solidamente constituïda republica da antiguidade—a *moralidade politica* do drama naturalmente reflecte muita luz sôbre a grande questão que ora agita e revolve o mundo: e mostra (talvez mais claro que nenhuns tractados) a superioridade das modernas fórmas representativas, e a excellencia da liberdade constitucional ou monarchica. O leitor, o spectador tirará sem esfôrço a conclusão do pöeta:

> Nunquam libertas gratior extat
> Quam sub rege pio.

Onde a realeza legítima faz parte integrante da constituïção, não ha medo que os dous elementos naturaes da sociedade, a democracia e a aristocracia, rompam o equilibrio em que as tem o sceptro, fiel, que dever ser, da balança do Estado: não ha temor de que ambicioso demagogo fatige o povo com disturbios e excessos, para o colhêr exhausto e o açaimar então com a mordaça da tyrannia. Dem-lhe o nome que quizerem, chamem-lhe rei ou imperador, cesar

ou czar; se as leis não estabelecem uma realeza moderada e paternal para conter as paixões ambiciosas dos cidadãos,—a realeza illegitima da revolução, a tyrannia, virá sem leis, contra as leis, e as destruïrá. D'este perigo so livra (quando livra) a oligarcia aristocratica, e a negra boca do Leão de san' Marcos. E qual dos flagellos será peior?—Nem o rei propheta saberia escolher. Ha um grande, mas solitario, documento contra ésta doutrina, no Novo-mundo. Mas dura ha mui pouco tempo: e exemplos em politica precisam de ter cans para convencerem.*

* Em linguagem mais chan:—Os Estados-Unidos da America do norte não são aïnda uma nação formada, sólida, compacta, com character, costumes, genio e indole sua propria: e so quando o forem, poderemos ajuïzar dos resultados do, porora tam novo, experimento.

A'. MUITO. NOBRE

MUITO. ANTIGA. E. SEMPRE. LEAL

CIDADE

DO

PORTO

PROPUGNADORA. FORTISSIMA

DA. LIBERDADE

CONSTITUCIONAL

ILLUSTRE

PELO. SANGUE. DE. SEUS. MARTYRES

O. D. C.

TESTIMUNHO. DE. AMOR. E. DEVOÇÃO

A'. SUA. PATRIA

O AUCTOR.

CATÃO,

TRAGEDIA

Representada, a primeira vez, em Lisboa, no theatro do Bairro-alto, por uma sociedade de curiosos, em vintenove de Septembro de

MDCCCXXI.

ACTORES.

CATÃO.
MARCO-BRUTO.
MANLIO.
PORCIO.
SEMPRONIO.
DECIO.
JUBA.
POVO.

Senadores, lictores, libertos, soldados romanos e numidas.

Logar da scena—Utica.

PROLOGO

Recitado pelo auctor na primeira representação.

Hoje, invocando as musas lusitanas,
Calçando co'a mão trémula o cothurno,
Venho timido expor nas scenas patrias
Um caso atroz da memoranda Roma.

Da Libya ardente nos torrados plainos
Arquejando vereis a Liberdade,
Ve-la-heis moribunda soluçando
Expirar sôbre a areia,—e inda de longe
Volver o extrêmo olhar ao Capitolio.
Honra, valor, virtude, esfôrço e glória,
Tudo acaba com ella n'esse instante.
Algozes ferros, asperas cadeias
Da miseranda Roma algemam pulsos...
Mas da patria infeliz o negro oppróbrio,
Catão não o hade ver,—morre primeiro.
Ve-lo-heis, esse homem, o maior dos homens,
D'homem, de pae, de cidadão deveres
Desempenhar romano,—e morrer homem.
Ve-lo-heis tranqüillo desafiar a sorte;
E aïnda nos momentos derradeiros
Fazer no solio estremecer tyrannos,
Pasmar a terra e envergonhar os numes.

Da malfadada Roma última esp'rança,

Bruto vereis tambem : n'alma agitada
Ver-lhe-heis luctar co'a patria a natureza ;
Mas a patria vencer. Odio implacavel,
Desesp'rado furor que avexa essa alma,
Lhe vem do coração bramar nos labios.
Um dia inda virá que o braço ardido
Quebre de um golpe os ferros do universo...

Heroïsmo e valor, terror e espanto
So vereis n'este quadro sangüinoso.
Involta em negro lucto a lyra austera
So troa sons de morte : as cordas duras
Estremecidas fremem com o incerto
Palpitar da vingança ;—e mal se escuta
Abafado suspiro de ternura,
Em que amor filial, em que amizade
Timidos, receiosos se carpiram.

Meigos affectos de paixões mais brandas
Não espereis ouvir :—so falla a patria
Em corações que a patria so conhecem.
Romanos estes são ;—mas vós sois Lusos :
E de Romano a Portuguez que dista ?
Foram livres aquelles,—vós sois livres ;
Cidadãos,—vós o sois; homens,—sois homens:
Pelos campos da glória e liberdade,
Onde o Tibre correu, corre hoje* o Tejo.

E Roma é escrava !...E a desgraçada Italia
Succumbiu, e nem geme ! Em qual abysmo
De mágoa e de vergonha está sepulta
A patria de Catões, de Brutos, Cassios !
Oh nódoa nos annaes da humanidade !
Oh, quem podesse á historia do universo

* Hoje!....

Arrancar essa pagina d'infamia !
Amargo é recordar memorias cruas
De dó, de pejo:—mas lembrá-las cumpre:
A tempo sirvam de escarmento—e exemplo
Para atalhar o mal na origem d'elle.

E tu, sexo gentil, delicias, mimo,
Afago da existencia e incanto d'ella,
Oh, perdoa se a patria te não deixa
O primeiro logar em nossas scenas.
Não esqueceste, não; porêm ciosos
São nossos corações de liberdade:
Onde impera a belleza, amor so reina;
Foge onde reina amor, a liberdade.

E vós, vós todos, assemblea illustre,
Os erros desculpae do ingenuo vate.
Foi so meu coração quem fez meus versos:
Por elle julgae so. Louvor e applauso
Nem o quero de vós, nem o supplico:
Vêde expirar Catão; dentro do peito
Guardae d'esse Romano alma e virtudes.
Se o conseguem meus versos, se me é dado
Esse premio alcançar de meus trabalhos,
Audaz, affoito, satisfeito e pago,
Ao resto irei da Europa,—do universo—
Louvor, censuras desprezar sem medo.

CATÃO,

TRAGEDIA.

ACTO PRIMEIRO.

Praça;—vestibulo e portico de antiga e ruda architectura romana, a um lado.

SCENA I.

MARCO-BRUTO, MANLIO.

(sahindo do vestibulo)

MARCO-BRUTO.

Sei tudo;—e tudo ouvi sobejas vezes:
Nem posso ouvi-lo mais. O ceo, que a Roma
Nos pôs columna extrêma em seus desastres,
Não quer prantos de nós. Valor, constancia,
Virtude são os unicos remedios
Para os males da patria. Lamentá-la,
Chorá-la em ocio vil é ser covarde,
E não ser cidadão,—não ser Romano.

MANLIO.

Mas ouve...

MARCO-BRUTO.

Tudo sei.—Que Roma é escrava;
Que o senado traidor, que o povo indigno
Folgam nos ferros que lhe doira o crime;

Que Cesar coroado da victoria
Ao carro triümphal leva—execrando!
As romanas virtudes manietadas;
Que essa prole bastarda de Qüirino,
Espurios filhos, infezado sangue
De Scipiões, de Fabios, Cincinnatos,
Essa turba infiel vendeu contente
Braços e coração, virtude e glória
A trôco de oiro vil;—que impera ovante,
Que exulta Julio sôbre a patria em cinzas;
E que do deshonrado Capitolio
Ousa dictar os fados do universo;
Emfim, do Povo-rei ser rei...Ah, Manlio,
O termo abominavel, execrando
Que mal cabe nos labios d'um Romano!
Sei tudo:—e tudo n'alma tenho impresso
Em fogo—que incessante m'a devora.
Mas ao pêso da sorte inda não curvo:
Tenho no peito coração romano;
E emquanto a espada do tyranno Cesar
M'o não souber varar, não cedo a Cesar.

MANLIO.

Tua nobre constancia admiro e louvo:
Romana é,—romana d'esses tempos
Que para sempre...sempre se acabaram.
Oh, se ella nos salvasse, Marco-Bruto!
Se d'esse coração faïscar podesse
Scintilla que accendesse a morta cinza
Em que toda esfriou, de consummida,
A latina virtude!—Mas tu mesmo,
Catão proprio o confessa: a nós e a poucos,
A poucos mais, os deuses reduziram
Da triste liberdade os defensores.
Nos quasi abertos, derrocados muros
D'Utica so nos resta amparo debil;

Por suas brechas sem conto, a cada instante
Nos entra a escravidão, nos foge a patria.
Nossas legiões tam poucas, tam cançadas,
Fracos sobejos da fatal derrota
Do infeliz Pompeu...

Marco-Bruto.

E d'esse nome
Não te basta a memoria deshonrada
Para acordar o coração dormente
D'um senador romano? Oh sanctos manes,
Oh veneranda sombra, inulta aïnda
Nos sangüinosos campos de Pharsalia
Vagas não-propiciada e gemebunda...
E o vil que ousa Romano appellidar-se
Será, Manlio, será?...

Manlio.

Será da patria
O tyranno oppressor.

Marco-Bruto.

Elle!—Primeiro
Hade Catão morrer.

Manlio.

Dous golpes junctos
No seio maternal soffrerá Roma.

Marco-Bruto.

Que soffra mil, e que não seja escrava.

Manlio.

Ah, que approveita, Marco, o sacrificio!
Tam quebrados, sem fôrças, de que serve
Esta lucta de poucos moribundos
A pelejar por mais uma hora escassa
De vida incerta?—Engano, engano cego!

Á patria agonizante e quasi extincta
Que podêmos fazer?

MARCO-BRUTO.

Morrer com ella.

MANLIO.

Se o sacrificio approveitasse!

MARCO-BRUTO.

Chamas
Sacrificio ao dever!—Este é o voto
De Catão: bem o sabes. E tu dizes-te
Amigo d'elle!...Sê digno do amigo.

MANLIO.

Oh!...

MARCO-BRUTO.

Basta, Manlio, basta: esses discursos
Serão prudentes, mas offendem-me alma;
E o coração rebella-se de ouvi-los...
(*pausa consideravel*)
Olha, ves tu a aurora?—despontando
Ella ahi vem no horisonte carregado:
Triste, pallida, a medo nos arrastra
O dia—o dia porventura extrêmo
De nossa liberdade.—Oh Roma, oh patria!
Ceos que o raio guardais, no mundo ha crimes
Que os de Cesar igualem? Que justiça
Fazeis na terra, omnipotentes deuses!
(*pausa breve*)
Manlio, este dia é o dia destinado
A decidir a sorte dos Romanos.
Por ordem de Catão, solemnemente
Se congrega o senado. Os teus receios,
Tua prudencia ahi pódes expor-lhe.
Encontrarás talvez quem te oiça e applauda:

Não eu, Manlio, não eu.

SCENA II.

MANLIO *só.*

Mancebo louco!
Cego corres após d'esses phantasmas
Que em teu ingenuo coração virtuoso
So hoje moram. Teras cans,—e c'o alvo
Das cans te virá negra experiencia:
Então, então verás com que sonhaste.
Romano! Ideas vans! Ja não existe
Essa glória, esse nome tam famoso.
Nem a feroz virtude d'este joven,
Nem de Catão a rigida constancia
Erguem do tumulo a defuncta Roma.
Nunca!—O punhal das civicas discordias
Rasgou-lhe o seio, quebrantou-lhe os membros;
Roma não vive ja.—É Cesar, Cesar
Quem hoje é Roma, e que é senhor do mundo.
A potestade infausta, abominosa,
Que lhe alçou esse throno de cadaveres,
Não larga mão do escudo com que o ampara.
Tudo lhe cede.—E nós mesquinhos restos
Ao furor escapados de Pharsalia,
É que havemos de oppor-nos á torrente
Que arroja aos pés de Cesar o universo!
E por amor de quê? Da liberdade...
Liberdade!—E qu'é d'ella, a liberdade?
Quanta nos deram Mario, Sylla?—Quanta
Nos daria Pompeu se triümphante
Com suas legiões volvesse ao Tibre?
Roma, Roma, os teus dias são passados;
Tu queres um senhor: te-lo-has. Os Quincios,
Ja não voltam. Sem honra, sem virtude,
Sem aquella pobreza sancta e livre

De Fabricio, onde vai a liberdade!
Marco-Tullio venceu a Catilina;
E hoje—mollemente passeiando
Em seus jardins de Tusculo, revendo-se
Em marmores de Athenas, manso e quedo
Philosophando vai.—Que resurgissem
Os Gracchos;—bradariam liberdade
E patria, como os nossos Gracchos de hoje:
Mas so bradar: tyrannos ou escravos
Seriam como nós...—Cortae nos vicios,
No orgulho, e então...—Quem é este? É Sempronio
Que ahi vem. Alma perfida e covarde!
Ide ouvi-lo ás cohortes declamando:
Nem o proprio Catão tem mais no peito
Aquella devoção, aquelle zêlo
Da liberdade antiga.—Oh tempos, tempos!
E inda quer Marco-Bruto de taes homens
Fazer Romanos—com Romanos d'estes
É que se hade salvar a patria!

SCENA III.

MANLIO, SEMPRONIO.

SEMPRONIO.

Manlio,
Fallaste com Catão? Que te disse elle?
Seu nobre esfôrço, amigo, que medita?
Como intenta salvar-nos? Que defesa
Havemos de fazer n'éstas ruïnas
Contra esse immenso exército que apperta
Sôbre nós de hora a hora? Que esperanças
Da moribunda—morta liberdade
Conserva aïnda?

MANLIO.

As de morrer com ella,

E co'a patria exhalar o extrêmo alento.
Incapaz de torcer, firme, indomavel,
Não ve, não ouve, não attende a nada;
E emtanto cresce o mal, e a cada instante
Foge o remedio.

SEMPRONIO.

Um resta.

MANLIO.

Qual?

SEMPRONIO.

(*á parte*)
Tentemos
(*alto*)
Este velho.—Seguir os teus conselhos,
Moderados, prudentes.

MANLIO.

Meus conselhos!
Nunca t'os dei, nem...—O meu voto é logo
Para o senado: ahi o ouvirás franco,
Sincero, leal.

SEMPRONIO.

Mas nós sabemos todos
Tua opinião. Eu, longo tempo, incerto
Duvidei; mas emfim não resta escolha.
O universo é de Cesar: honras, graças,
Mercês, riquezas—tudo elle dispensa;
E tudo perderemos se teimosos
Persistimos na lucta van, ingloria...

MANLIO.

Ingloria!

SEMPRONIO.

Ingloria sim, que a vida, a fama
Esperdiçâmos loucos por chimeras.

Gloriosa foi a causa da republica
Quando o favor dos mobiles Qüirites
Tinha Sédes-curues, e tribunatos,
Consulados que dar : nobre, distincto
Era então ser campeão da liberdade.
Hoje que importa cortejar a plebe,
Lisongear-lhe a inconstancia caprichosa?
Que podem os ciosos cavalleiros,
Os suberbos patricios? De que valem
Seus suffragios? Voltemo'-nos a Cesar.
A calva occasião é ésta agora.
Corramos-lhe ao encontro : generoso
E magnanimo é Julio : hade quebrar-lhe
As íras todas submissão tam prompta,
Tam resignada :—e nós salvos, bemquistos
Do senhor do universo, porventura
Quinhoaremos tambem nos seus despojos.

MANLIO.

(*á parte*)

Vil, indigno !...Estes são os nossos Gracchos.

(*alto*)

E Catão?

SEMPRONIO.

Ah !...Catão.—Esperas d'elle
Que attenda ao bem commum, que os sonhos deixe
De apparatosa, van philosophia ;
Que o orgulho dos systemas sacrifique?

MANLIO.

Orgulho elle !—A tua alma não intende,
Não conhece aquella alma. Homem mais simples,
Mais singelo, mais chão, menos fastoso,
Que ostente menos, menos se conheça
E de suas virtudes saiba o preço,

Não crearam os ceos, nem o aureo tempo
Viu de nossos avós na antiga Roma.

Sempronio.

Pois...eu tambem conheço...essas virtudes,
E as sei avaliar. Porêm que importam,
Que nos podem fazer tantas virtudes?
Cesar, amigo, Cesar formidavel,
Cesar, que precedido da victoria
Marcha á frente de innumeras cohortes,
Que, á excepção d'este pouco da Numidia,
—De poucos palmos de torrada areia—
Ve curvado a seus pés o mundo inteiro,
Cesar não tarda sôbre nós; e é tempo
De resolver em fim.

Manlio.

Toca ao Senado
Deliberar: Catão para isso o ajunta:
E Catão bem conhece o nosso estado
E a possansa de Cesar. Mas sua alma
Da velha dura têmpera romana
Não verga assim. Minha opinião (pois queres
Sabê-la, e tua franqueza—tam notavel!
Me anima) é differente, opposta á d'elle.
E logo no senado heide impugná-la,
Aberta e nuamente. Em vivas côres
Heide pintar o estado miseravel
Da patria e nosso; o abysmo a que a arrastâmos
Se, para não quebrar, nossa virtude
Não dobra um tanto ao pêso da fortuna.
Taes são minhas tenções. E ha muito sigo
Repugnante ésta lucta tam baldada,
Em que a alma de Catão, seu grande nome,
Suas virtudes são a unica fôrça

D'um partido impotente, e lacerado
De facções, de traições, de odios, de invejas,
(*pausa*)
De avarezas, cubiças.—Mas, Sempronio,
Tu que sempre no fóro, no senado,
No campo, em toda a parte declamaste
Contra mim, contra a facil indulgencia
Dos que prudente, necessario julgam
C'o vencedor tractar, ceder um pouco
Para não perder tudo,—tu da plebe
Idolo, oraculo, orador,—que ante ella
Bruto accusas de timido; e suspeitas
Soltaste a miüdo da virtude austera
Do rigido Catão,—por que prodigio,
N'ésta hora do perigo, em que a romana
Virtude, e toda a civica firmeza,
Constancia, devoção são necessarias,
Como, por que prodigio, tam diff'rente
Tam outro fallas!—Certo, no senado,
Teu voto, de fraqueza não suspeito,
Muitos convencerá.

SEMPRONIO.

E pensas, Manlio,
Que ante esses homens cegos, illudidos,
Que em Catão vêem seu deus, que existem n'elle,
Que o falso brilho deslumbrou da glória,
Que o vão, que o louco amor d'uma chimera
A que chamaram patria e liberdade,
Antepoëm aos proprios interêsses,
A's honras, á ventura, á mesma vida—
Que ante homens taes minhas tenções exponha
Que lh'allegue razões que elles não ouvem?
Fôra imprudencia e de nenhum fructo o risco.
Antes ver-me-has, unindo-me a seu voto,
De suas illusões vestindo a máscara,
Enthusiasta orador da liberdade,

Clamar, bradar vingança, e guerra e sangue,
Ostentar marcio ardor, romana audacia;
E de mim affastar quaesquer suspeitas.
Sinceridade!—Pois tu não receias
Os impetos de Bruto?

Manlio.

Não receio
Onde estiver Catão, violencia alguma
Contra quem livremente, e como é d'homem,
Dá seu voto e tenção.

Sempronio.

Muito confias:
Eu não.—E so a ti, cre-me, a ti, Manlio,
A ninguem mais em Utica, me atrevo
A revelar meu íntimo e secreto,
Verdadeiro pensar. Sancta amizade,
Alêm do sangue, nos uniu ha muito:
Tu não me hasde trahir...

Manlio.

Eu trahir!

Sempronio.

Digo,
Não declares...

Manlio.

Sim, sim; fica-te embora.
Não te heide descubrir: segue no engano;
Illude, mais essa hora que te resta,
As desvairadas turbas.—E que importa
Acordar ora ou logo, se o terrivel,
O fatal despertar é sempre o mesmo!

SCENA. IV.

SEMPRONIO *só.*

(depois de consideravel pausa)

Disse de mais; fallei, fui muito claro:
E este velho, prudente, moderado—
Ama, adora Catão como os mais cegos
Que o teem por deus, por immortal. Embora—
Manlio é honrado, d'aquella honra antiga
D'outros tempos; e não me trai.—Honrado!
O miseravel, co'a alma incerta e vaga
Fluctuando entre o medo e entre a esperança,
Nem sabe o que deseja.—E eu?...Sou covarde,
Mais covarde do que elle: não me illudo.
Mas póde mais que a covardia o odio
N'este peito ralado da acre sêde
Da inveja. Meus projectos teem falhado
Com a estupida plebe: vis! adoram
O homem que eu abhorreço, que detesto,
Esse Catão, esse idolo de nescios!
Oh, que raiva lhe eu tenho! Alma rebelde,
Tu me opprimes c'o pêso abhorrecido
D'essas tuas virtudes. Quanto eu dera
E te podesse ver um crime n'alma!
Affrontoso supplício!—E elle conhece-me,
Conhece-me e despreza-me.—Oh, vingar-me,
Vingar-me heide eu. Tua cerviz altiva
Hade criar vergão sob o appertado
Jugo de Cesar. Não te salva a morte,
Que vivo—vivo hasde cahir no laço.

(pausa consideravel)

Ei-lo aqui vem o principe dos Numidas.
Louco! A cega vaidade d'este barbaro
Hade ser instrumento proveitoso
De meus designios. Nem será difficil

O enganá-lo.—Vem com elle Porcio.
Que náusea que me faz este mancebo!
Ambos, ambos de dous.—E como affectam
Do pae o tom sentencioso e grave,
A pomposa virtude, o olhar austero!
Mas o Numida é Numida: no sangue
Ardente do Africano a febre é facil
De inflammar prompta, e desvairar no cerebro
Essas licções romanas de prudencia.
Cumpre dissimular, fingir com elles.

SCENA V.

SEMPRONIO, PORCIO, JUBA.

PORCIO.

Oh meu Sempronio, oh firme, certo amigo
Da moribunda Roma, espirito, alma
Do vacillante povo, emfim te encontro!
Ha muito te buscava.

SEMPRONIO.

Salve, Porcio,
Do maior dos Romanos digno filho,
Esperanças da patria!—Meu amigo,
Eis-me aqui. N'éstas horas de agonia,
Grata consolação é ver unidos
No funeral da patria os que inda podem
Carpi-la sem remorso e sem vergonha.

PORCIO.

Meu Sempronio, abracemo'-nos aïnda
Mais ésta vez, que aïnda somos livres.
Ai! talvez ámanhan não poderemos
Fazê-lo ja—sem nos acharmos ambos
No vergonhoso amplexo d'um escravo.
Que disse eu! ámanhan—ah, porventura

Este sol que ahi nasce é o derradeiro
Que luz sôbre a romana liberdade.

Sempronio.

Confias pouco nos supremos deuses:
Teu venerando pae, suas virtudes
Inda nos restam.

Porcio.

Ah! meu pae como hade
Resistir so por si á conjurada
Fôrça de homens e fados? É so elle
Na terra,—e a terra toda é ja de Cesar.
Suas nobres tenções hãode ir ao cabo,
Sua constancia ferrea não vacilla;
Morrerá, porêm livre. Mas nem todos
Com a alma de Catão os dotou Jupiter.

Juba.

E quem tam vil será?

Porcio.

Não sei: mas vagam
Entre as cohortes dissensões, murmurios...

Juba.

Mas não entre os meus Numidas.—Se fosse...

Porcio.

Não, principe; a vileza em nossos dias
Toda é romana. Ha traidor occulto
Que anda excitando esses quebrados restos
Das legiões de Pompeu, á rebeldia.
Quem elle seja ignora-se...

Sempronio.

(*á parte*)
A seu tempo
O saberas.

Porcio.

Que dizes ?

Sempronio.

Nada:—indigna-me,
Custa-me a crer que exista um monstro . . .

Porcio.

Existe.
E encuberto, inda mal ! Porêm que importa
Seu machinar, suas traições j'agora !
(Vão passando alguns senadores, que entram pelo portico.)
Ahi vão concorrendo á humilde curia
Essas tristes reliquias de Pharsalia,
A que aïnda senado appellidâmos...

Juba.

Appellidaes . . . que dizes !—Toda a pompa
Triümphal de Roma, todo o brilho antigo
De sua glória, ao senado nunca deram
Tam solemne realce e majestade
Quanta a presença de Catão.—Seu nome,
Seu nome so é como um sêllo augusto
Que, a despeito dos numes, sanctifica
A causa que elle abraça ;—é fôrça ingente,
Antemural onde o impeto se quebra
De tantos, tam vaidosos inimigos.
Quem póde ouvi-lo, ve-lo so, e n'alma
Não sente um religioso terror sancto,
Que opprime e eleva, humilha e exalta o ânimo,
Como o aspecto de um deus? É Roma inteira,
É o terrivel deus do Capitolio,
O Genio de Qüirino que está n'elle,
E deante do qual o proprio Cesar,
Cesar á frente de hostes invenciveis,
Suberbas da conquista do universo,

Cesar triümphador treme e vacilla.
Ah, se em vez de me dar barbara patria
N'estes certões inhospitos da Libya,
Me outorgaram os ceos nascer Romano;
Se, como tu, podesse, ó caro Porcio,
Chamar-lhe pae.—Não ha maior ventura,
Que possam numes conceder na terra.

PORCIO.

Teu coração, amigo, te compensa,
Nova patria de dá. Nascer Romano
É glória so quando estremados feitos,
Quando virtude austera desempenham
Nome—que foi tam nobre...e hoje!—Principe,
Do vício a nódoa, as máculas do crime,
Não as podem lavar do Tibre as águas.

SEMPRONIO.

(*á parte*) (*alto*)
Não posso ouvi-los mais.—Porcio, eu teu deixo;
Não tarda que o senado se convoque.
D'ésta sessão solemne e derradeira
Depende tudo. Adeus. É necessario
Incitar uns, suster a vacillante
Virtude de outros.—Principe, o teu nobre
Esfôrço e coração Roma precisa
N'ésta hora de perigo—extrêma...a última
Talvez!—porêm amigos como Juba
N'ésta hora é que se acham.

JUBA.

Não duvides
De mim, Romano. O sangue não vingado
De meu pae inda ahi está revendo fresco
Deante de meus olhos. Na orphandade
Tua patria me adoptou; tua patria é minha.

Aomenos para dar por ella a vida,
Roma é tam minha como tua.

SCENA VI.

PORCIO, JUBA.

PORCIO.

Juba,
Que tens, que tam severo respondeste
Ao senador? Tam triste e pensativo
Fitas no chão os olhos carregados!
Em que meditas?

JUBA.

Eu?—Na mal-azada,
Pouca ventura minha, que me trouxe
A' situação penosa em que me vejo.
Porcio, tu—tu conheces a minha alma;
Mas elles não. Suspeitam-me, duvidam
Da minha fe: estranho sou, um barbaro
Entre vós.

PORCIO.

Entre nós, tu, Juba!—Enganas-te:
Amam-te, querem-te, honram-te. Não ouves
Meu pae como te falla, quantas vezes
Te chama filho?

JUBA.

Teu pae, sim: oh, esse
É o maior dos homens, o mais nobre,
Mais generoso, mais leal. Mas, Porcio,
Quantos Catões ha em Roma?—Este Sempronio
Desconfia de mim.

PORCIO.

Elle!

JUBA.

As palavras
Que me disse ao partir.... Não reparaste
Como fallou de amigos, da arriscada
Hora do p'rigo?

PORCIO.

Quê! interpretaste
O seu dizer assim?—Não dês, amigo,
A vans suspeitas attenção funesta.
Assás, principe, assás nos sobram causas
De dor e de afflicção. Ai! todo o esfôrço,
Toda a virtude de Catão não bastam
Para suster o pêso do infortunio.
E que póde elle so contra a torrente
D'um povo inteiro, uma nação d'escravos
Que ao jugo correm submetter-se humildes!
Em Utica encerrado, triste chefe
D'um exército froxo e destroçado,
O que hade elle esperar,—que nos sobeja
D'essa van sombra de senado e Roma?

JUBA.

Sobeja-nos Catão: e é muito aïnda.

PORCIO.

É muito:—porêm quanto hade durar-nos!
Vamos, amigo, vamos, que a hora chega,
Ve-lo entrar para a curia. Approveitemos
Ésta occasião de contemplar aïnda
Mais uma vez aquella face augusta
Reveberando toda a majestade
Da extincta Roma,—e ouvir o som tremendo
D'aquella voz, que em meio do senado
Troa como echo d'essa voz divina
Com que a nossos avós salvou da infamia

Jove Stator.—Como o severo aspeito,
Tam severo e tam placido!—me infunde
Respeito e amor!—Disseste bem, meu Juba:
Feliz a quem tal pae os deuses deram!
Mas...ai de mim! oh, que presagios negros
Me agoira o coração no sobresalto
Com que me anceia, n'estes baques rijos,
Desencontrados que me dá no peito
Co'a so lembrança, a idea de perdê-lo!
Prouvesse aos deuses immortaes que, aomenos
Adeante eu vá,—nem veja o sacrificio
Que nas aras da patria . . . Indigna Roma,
E meréce-lo tu?—Eternos deuses,
Como soffreis que o vício, o crime, a infamia
Reinem sos, coroados do perjurio,
Na avassallada terra!—Amigo, vamos:
Seja maior que a mágoa o soffrimento;
De atormentar-nos se envergonhe o fado;
E se cumpre ceder, cahir co'a patria,
Caiamos sim, mas homens, mas Romanos.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Interior de antigo edificio romano, preparado para a convocação do senado.

SCENA I.

CATÃO, MANLIO, MARCO-BRUTO, SEMPRONIO, *senadores, lictores.*

Vão entrando os senadores e tomando seus assentos, que estão dispostos em semicirculo.—Depois de breve espaço, Catão, precedido de lictores. Os senadores se erguem para o saüdar. Permanecem todos em silencio por algum tempo. Catão levanta-se para fallar ao senado, e se lhe inclina.

CATÃO.

Padres de Roma, augustos senadores,
Da patria moribunda unico apoio,
Quanto inda folgo de vos ver unidos,
De contemplar em vós esses Conscriptos
Que de sôbre o tremendo Capitolio
Repartiram os fados do universo,
E aos reis vencidos, ás nações prostradas
Deram co'a espada leis, co'as leis virtudes!
Permitti que a minha alma se demore
N'éstas ideas de passada glória:
Ah, quem sabe se é ésta a vez extrema
Que me é dado ante vós o recordá-las,
E a derradeira vez góso a ventura
De olhar-vos junctos, e vos ver Romanos!
Sim, ó Padres, assás glória e renome

Coube a nossos avós ; maior nos cabe,
(Não duvideis) maior nos cabe aïnda.
N'este humilde logar, entre estes muros,
Quasi cercados de inimigas armas ;
Sôbre nossas cabeças cada instante
Vendo troar da tyrannia os raios ;
Sem accurvar ao pêso do infortunio,
Unidos inda pela voz da patria ;
O senado de Roma é mais augusto.
—Ésta patria, ésta Roma o seu destino
De vós espera agora : a vós incumbe
Decidir de seu fado.—Cesar chega :
Um exército...(sim, o horror do p'rigo
Dissimular não cumpre a vossos olhos,
Nem diminuïr o pêso ao sacrificio)
Um exército forte, victorioso,
Formidavel o segue. Escassas, debeis
São nossas fôrças, fracos os repairos,
Attenuados os muros.—Que nos resta,
Que nos convem fazer ? Como devêmos
Tractar esse homem temerario, ardido,
Ambicioso, insaciavel ?—A fortuna
Tem coroado seus crimes com victorias.
—Desculpae-me o avivar chagas que sangram,
Recordar os horrores de Pharsalia !
Esse dia fatal lhe entregou Roma,
E a morte de Pompeu o Egypto e o Nilo.
Juba, Scipião cahiram por seu ferro...
Inda fumma talvez a areia ardente
Da Numidia, ensopada em sangue fresco ;
E no vasto silencio do deserto
Inda arquejam talvez romanos corpos.
Não ha sangue que o farte, não ha crime
Que o detenha : seu carro de triümpho
Não empeça nos montes de cadaveres
Que lhe juncam a estrada. Fique o mundo

Todo um sepulcro, um so moïmento a terra;
Mas reine elle senhor sôbre esse tumulo.
—A cubiça de imperio, que o devora,
Que lhe incha o coração, lhe rala o peito,
Té os mesquinhos areaes estereis,
Estes plainos torrados, infructiferos
(*pausa*)
Da Libya nos inveja!——Agora, ó Padres,
Dizei: qual é vossa alma, as tenções vossas?
Inda ousais defender a liberdade?
Firmes em acabar primeiro que ella
Inda ousais preferir a morte honrada
Ao jugo, á escravidão?—ou ja cançados,
Fatigados do pêso do infortunio,
Baixos os corações, curvos á sorte,
(*pausa*)
Dispostos vos sentis a?...——Bruto falle.

MARCO-BRUTO.

Eu voto a guerra.—E guerra so nos cumpre.
Quê! duvidar na escolha—inda um momento!
De morte ou servidão, glória ou ludibrio,
Homens, Romanos, senadores!—Nada,
Nada nos resta mais, bem sei, que o ferro;
Amontoadas legiões Cesar commanda:
Mas a espada que temos é romana,
Mas as legiões que o seguem são de escravos:
E póde um cidadão tremer ante elles?
Poucos sòmos; mas livres, mas ousados.
No furor da peleja, quantas vezes
Um so braço bastou a decidi-la?
E quantas foi um golpe venturoso
Longas victorias desmentir n'um dia?
Tem uma vida so, como os mais homens,
(Se homem podeis chamar-lhe) esse tyranno.
Cesar...Ah! co'este nome em vossos peitos
Não ferve a indignação, não pulla o odio?

Não ouvis esses manes insepultos,
Cujos honrados, venerandos corpos,
Pasto deixado nos areaes da Libya
Foram aos monstros do aspero deserto ?
Não lhe ouvis os clamores de vingança ?
Mais de metade do senado augusto,
De que vós so restais, la jaz com elles ;
E este mesmo senado inda duvída,
Pausado agita, frio delibera
Sôbre a causa da patria...Ah, não, ó Padres,
Não vale em lances d'estes a prudencia :
So produz enthusiasmo as acções grandes.
Ei-los, nossos irmãos, sagradas victimas,
Ei-los, bradando de Pharsalia aïnda !
Que as chagas roxas do rasgado peito
Nos apontam, nos mostram, nos excitam !
Vêde-a, do gran' Pompeu a sombra inulta,
Vêde-a, como nos fita despeitosa,
Como a troar da maldicção os raios
Quasi prompta...Ah! mas vós,vós sois Romanos :
Em vossos corações ja vejo a patria,
Ja leio em vossos olhos a victoria.
Senadores ! romanos senadores
Vós sois :—ávante, eia ávante, ó Padres !
Não aguardemos que o inimigo ousado
Venha em nossas muralhas attacar-nos ;
Vamos nós mesmos, nós, o ferro em punho,
Por entre essas indomitas phalanges
Longa abriremos sangüinosa estrada...
Senão para a victoria, que nos foge,
A' glória aomenos de expirar romanos.

CATÃO.

Bruto, esse furor não é romano.
Cumpre esfôrço, valor, constancia rigida,
E não temeridade. Co'as extrêmas

Do vício entesta a raia da virtude :
Pôs-lhe eterna barreira a natureza ;
Mas não a ve o que vendado corre
De paixões cegas ;—passa, e não conhece
Os prescriptos limites ;—confundindo
Vicios, virtudes, indiff'rente os segue
O espirito agitado ; e em seu delirio
Crimes perpetra por acções de glória.
Discriminá-los ; e a face augusta
Da virtude estremar do vício occulto,
Obra é so da razão, so ella o ensina.
O nobre enthusiasmo, o patriotismo
Que, audaz mas firme, ardido mas prudente,
P'rigos não busca—mas não teme os p'rigos,
Raios não troa—mas não teme os raios,
Este valor, ó Marco, ésta ousadia
Foi a dos Scipões, era a dos Fabios,
Ésta é so da razão—e so romana.
—Esses honrados companheiros nossos,
De tanta cicatriz ennobrecidos,
Que a espada tantas vezes empunharam,
Tanto sangue verteram por seguir-nos,
Por defender da patria a sancta causa,
De suas vidas acaso a mesma patria
Não nos confiou a nós cuidado e guarda ?
E iremos nós, mais barbaros que Cesar,
Arrojar-lhe a suas hostes famulentas
Esses poucos fieis—como repasto
Dado a feras no circo !— Iremos impios
Dar-lhe a beber á fratricida espada
O puro sangue civico romano !
E Roma que dirá ?—com que justiça
Não clamará que barbaros e insanos,
So nos guiou phrenetico delirio ;
Que prodigos do sangue de seus filhos,
Vaidosos, sem piedade o derramámos

Por fazer nossa quéda mais brilhante ?
Que nossa morte—sacrificio inutil
De pompa van, de fasto esperdiçado,
A de mil cidadãos custára á patria ?
Não, Padres, não vos cegue o falso brilho
D'esse heroïsmo vão : sejamos homens,
Que homens fomos primeiro que Romanos.
—Manlio, os teus sentimentos livremente
Expõe agora.

MANLIO.

A grandes desventuras
Nos reservaram despiedosos fados.
Infeliz quem no choque tumultuario
De civis dissenções, o pôs a sorte
Ao mui difficil leme do govêrno !
N'esse arriscado, perigoso empenho
O menor dos desastres é a morte.
Das marulhosas vagas açoutada
Sossobra a nau do Estado; e é fôrça em breve,
Se lhe não accalmar contrário vento,
Nas sorvedouras syrtes affundir-se.
Embora empregue sabedoras artes
O piloto infeliz ; que hãode imputar-lhe,
Hãode fazer-lhe das desgraças—crimes.
Erra de orgulho, cega de vaidade
Quem presume guiar com mão certeira
O tropel desvairado e tumultuario
D'uma revolução. Rebenta subito
Em turbilhões torrente impetuosa,
Que arrastra e leva planos e projectos,
E, c'o homem que os urdiu, os roja ao abysmo.
Confésso, ó Padres ; timida a minha alma
Não fita sem horror tam negras scenas.
Pela patria morrer sei que é virtude ;
Mas pede Roma acaso a nossa morte ?

Póde-lhe ella atrazar um so momento
A inevitavel quéda? O nosso sangue,
No mar da escravidão gotta invisivel,
Adelgaçar-lhe os ferros que a agrilhoam?
Derrubando as columnas vacillantes
Que o edificio ruïnoso escoram
Da patria liberdade,—essas ruïnas
Não desabam mais presto ao precipicio?
Co'a nossa morte Cesar satisfeito
Hade a espada embaïnhar, depor o sceptro?
Ser-lhe-hão degraus para descer do throno
Os cadaveres nossos? Não, ó Padres:
De taes futuros não me illude a esp'rança.
Pésa a severa mão d'alta justiça
Sôbre o orgulhoso collo dos Romanos:
Da nossa liberdade o altar cruënto
Na alheia escravidão foi cimentado;
Livres, fomos lançar grilhões ao mundo;
E as temerosas Aguias desferiram
O voo assustador, do Capitolio,
Ao sôpro da ambição. São esses ferros
Com que os povos da terra agrilhoámos,
Que hoje revertem para os nossos pulsos.
Tarde ou cedo reduz justo castigo
Povo conquistador a povo escravo:
E sempre...Mas, o horror de nossos crimes
Basta de recordar: cumpre ameigar-lhe,
E não exacerbar da patria as dores.
Cesar vence e triümpha; e ao mundo inteiro
Utica resta so. E Utica póde
Salvar o mundo? Não.—Alligeirar-lhe
A certa escravidão? Sim; póde, e deve.
No naufragio geral, uma so tábua
Que se possa afferrar, conduz ás vezes
(Embora moribundo) á praia o nauta;
E o que fiou dos braços vigorosos,

Experto nadador, sua esperança,
Mais vezes inda, canca, esvai-se e morre.
Toca-vos escolher. Voto que a Cesar
Se envie legação, paz se proponha:
Vejamos se um tractado póde aïnda
As reliquias salvar da liberdade;
Ou antes—embotar á tyrannia,
Pouco que seja, o gume assacalado.
É morta Roma, sim, morta de todo:
Aos filhos orphams, salve-se-lhe aomenos
Um retalho siquer da patria herança.

MARCO-BRUTO.

Acabaste?

MANLIO.

Acabei.

MARCO-BRUTO.

Ves este ferro?
Romanos como tu, igual resposta
De mim so levam...

CATÃO.

Temerario! um ferro
Arrancas no senado! Este é o respeito
Que lhe guardas! Assim a majestade
Acatas da republica!—Lictores,
O insensato expulsae: não mais profane
Tam sagrado logar.

MANLIO.

Eu lhe perdoo...

CATÃO.

Mas não perdoa Roma. Nas cohortes
Como raso soldado seja inscripto:
Sob o centurião, em dura schola

Milite e apprenda—emquanto, mais de espaço,
O castigo cabal dar a seu crime
A' curia não appraz.

MARCO-BRUTO.

Humilde ob'deço
A's ordens de Catão.

CATÃO.

A's do senado.

SCENA II.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, *senadores etc.*

MANLIO.

Impetos juvenis!—a alma de fogo
O cerebro lhe escalda.

CATÃO.

Manlio, agora
Ja nos não ouve Bruto...—Tu pretendes
A ti proprio illudir-te. Baloiçando
Do precipicio ás bordas escarpadas,
Não lhe ves todo o horror. Ja vais de rôjo
Pelo despenhadeiro, e cuidas inda
No meio da cahida segurar-te?
Enganas-te: deludem-te vãos sonhos.
É uma, é uma so a liberdade,
Indivisivel sempre: se um so ponto
Roubar-lhe intentas,—ella que te foge
Para mais a não ver. Roma, tu dizes,
Não quer a nossa morte. Não, porcerto.
Porêm que idea fórmas tu da vida?
Vivem acaso em ferros os Romanos?
Não morre o homem quando vive o escravo?

E quem te diz que o orgulho do tyranno,
Que imagina um dom seu deixar viver-te,
Não hade n'algum' hora de capricho
Enfastiar-se da dadiva ? e a um aceno
Do ferreo sceptro, está comtigo a morte.
E vida tal, appreciá-la podes ?
Tam precaria, miserrima existencia
Vale o momento de morrer com honra ?
Votas que a Cesar legação se envie :
Quero que a acceite, quero que inda possas
Co'esse phantasma vão de um vão tractado
Salvar isso que chamas as reliquias
De nossa liberdade. Que cegueira !
Libras sôbre a palavra d'um tyranno
De liberdade esp'ranças ? Tu confias
Thesouros de valor nas mãos do avaro !
Que fe póde guardar quem fés quebranta ?
Que tractados manter quem leis despreza !
Roma não tinha leis quando Tarqüinio
De cidadãos romanos fez escravos ?
Phantasmas esses são de liberdade,
Que, nem phantasmas, mais do que horas duram:
Todo o veo da illusão se rasga em breve ;
Cai-lhe o postiço manto mal seguro,
E em todo o horror da morte se descobre
Da escravidão o livido squeleto.
Não, de remedios taes eu não confio :
Ou liberdade, ou morte.—Este é o meu voto.

SEMPRONIO.

Ou liberdade ou morte !—é voto unanime
Do senado. Romanos somos todos :
E que Romano a discrepar se atreve
De tua sentença, de teu nobre voto,
O' Catão ? Tu es a alma da republica,
O genio que preside a seu destino.

Tu, salvador magnanimo da patria,
Confusão de perversos, de traidores,
Flagello de tyrannos, tu decide,
Dispõe de nós: em tuas mãos se entregam
Estes poucos fieis, que irão contentes
Por ti, comtigo, té o extremo, á morte.
Tu faze, tu governa: em tua dextra
Poderosa o senado põe a esp'rança
E a auctoridade toda da republica.
Senadores, não é este o consenso,
O desejo, o voto último e concorde
De quantos somos pela patria aïnda?

CATÃO.

Não é o meu.

MANLIO.

Nem o meu.

SEMPRONIO.

É o de nós todos.

MUITOS SENADORES.

Todos!

CATÃO.

Padres, ouvi-me. Estes momentos,
Que temos de conselho, valem seculos,
Não são de esperdiçar. De dictadores
Temos sobejo poragora em Cesar.
Prouvesse aos deuses immortaes que a fôrça
Dos que se oppoem á auctoridade illicita,
Usurpada de Julio, tal crescesse
E tanta, que mister nos fosse aïnda
D'essa magistratura formidavel
Que a miüdo salvou, que salvar póde,
E póde destruïr a liberdade,
Que a anniqüilou emfim! Em nosso triste,

Desamparado, desesp'rado estado,
Crear um dictador fôra—de mofa,
De escarneo—e proprio objecto para o riso
De nossos inimigos,—do universo,
Que os olhos tem cravados n'estes muros,
N'estes rotos pardeiros que muralhas
Foram d'Utica.—Falla, honrado Manlio:
Tua sentença não é a minha; oppostos
São nossos votos; serão sempre unidos
Nossos principios.—Tu não julgas inda
Necessario escolher entre os dous termos,
De morte ou liberdade. Embora: oiçamos:
Expõe teu voto; o parecer contrário
Não offende a Catão; e é honra, é glória
Ser contestado pela voz de Manlio.

MANLIO.

A minha voz; Catão, tu bem o sabes;
A minha voz, o meu sincero empenho,
Todo o meu coração é pela patria,
É pela liberdade. Ah, este braço,
Que ora treme de velho, ja foi rijo,
E pelejou por ella. Mario, Sylla,
Catilina me viram sempre á frente
De seus mais resolutos inimigos.
Ésta lingua, que mal hoje articula
Ineloqüentes sons, ja deu mais forte
Brado na curia; nem se ouviu meu brado
N'outra causa senão da liberdade.
É trémula hoje a voz, trémulo o braço;
Mas em Pharsalia não tremiam...—Padres,
Desculpae, perdoae—um derradeiro
Lampejar de decrepita vaidade...
Que fiz eu? o que todos vós fizestes:
Menos, que menos arrisquei porcerto.
Poucos dias de vida enfêrma e inutil,

Que me sobram na terra, é sacrificio
De preço vil e abjecto. Orpham de prole,
So, deixado n'um ermo aopé da campa,
Que hostia sou eu para o altar da patria?
Serve assim mesmo o sacrificio? Prompto
Aqui está todo o sangue: pouco, frio,
Sem vida é ja, mas de vontade e facil
Hade deixar as congeladas veias.
Cuidaes que por mim fallo, que me importa,
Que me pêza das horas minguadas
Que hade cercear-me o ferro do tyranno?
Não, Padres: é por vós, é pela patria
Que fallo, peço, que supplico, imploro:
Não pereçais em sacrificio inutil.
Vossos dias—e os teus, glória de Roma,
Esplendor derradeiro de seu nome,
Catão, esses teus dias preciosos,
Oh, não os barateies tam sem fructo!
Cesar teme, respeita essas virtudes
Que adornam o mais digno dos Romanos.
Tu pódes inda ser o amparo, o abrigo
Da abandonada patria. A liberdade
Acabou: mas seus filhos desherdados,
Foragidos, cassados como feras
De serra a serra, e do povoado ao monte,
Hasde desempará-los, quando pódes
Alliviar-lhe as penas, protegê-los,
Ser-lhes pae?...—Ai! não posso mais...succumbe
O coração tam velho á mágoa, ao...

(senta-se.)

CATÃO.

Nobre
Coração é o teu—e generoso,
Que as nobres qualidades d'elle emprestas
A quem não sabe, nunca soube a têmpera
De que taes corações são fabricados.
Cesar não tem mais sentimentos n'alma

Que um so,—desejo de podêr. De affectos,
De paixões de homem, uma so lhe absorve
As outras todas—ambição. Virtudes,
Crimes, feitos de infamia ou de honra, o cego
Não distingue; nem crê o impio em deveres,
Em virtudes, em leis de homens ou deuses.
Finge (e fingir sabe elle) esse respeito,
Esse amor de acções nobres e de glória.
Aonde viste que ao podêr supremo
Subisse usurpador sem o cortejo
Da hypocrisia?—Ama-me, diz elle;
Respeita-me, crês tu!—Quizesse o fado
Dar-me vivo em suas mãos... (vivo não hade)
E verias ao carro maniatado,
Jungido como um barbaro captivo
Esse Catão cuja amizade ó perfido
Tanto finge buscar.—Virá o dia
De seu triümpho: ve-lo-ha Roma; e o pejo
Fara suar no marmore as estatuas
Do Capitolio. Fabio, Cincinnato,
E tu, ó gran' Censor!—mais que essas brutas
Pedras em que Romanos se tornaram,
Vossas imagens sentirão a affronta
Quando a minha—levada em pompa infame
Deante do vencedor...

(*silencio geral*)

Padres, viemos
A este conselho por mais alto empenho,
Para maior objecto. Desviaram
Prevenções generosas de amizade,
De mui cega amizade—para um tenue,
Inconsid'ravel, minimo interêsse.
Senadores, da patria é que se tracta,
Da liberdade, e do que nos incumbe
Fazer por ambas n'este caso extrêmo.
Fallae:—Manlio e...Sempronio...

SEMPRONIO.

Guerra, guerra,
E liberdade emquanto ha sangue a dar-lhe!
E Catão dictador: meu voto é este,
Foi e hade ser. Inutil embaraço
É um senado aqui, deliberando
Entre armas e combates...

MANLIO.

E quem trouxe
Para aqui o senado? Quem, Sempronio,
Quem declamava mais entre as cohortes
Contra esse a quem agora generoso
A dictadura off'reces? quem bradava
Que estes poucos, dispersos senadores
Se deviam juntar, e pôr limites
A' auctoridade de Catão, que a ôlho,
Dizias tu, crescia desmandada,
E ameaçava a republica? Tu foste;
Tu, Sempronio, e teus garrulos clientes.
Convocou-nos esse homem suspeitoso,
Esse Catão, que...

CATÃO.

Eu te rógo, amigo;
Manlio, basta.

MANLIO.

Não temas: serei breve;
Conter-me-hei.—Viemos, consultámos,
Deliberámos; e o podêr supremo
Quinhoámos entre nós: commum a todos
Nos foi a glória da tenaz contenda,
D'ésta longa, porfiada resistencia,
Que eterno hade fazer o nome de Utica.
Spontaneos, voluntarios, a nós proprios
Nos constituïmos em senado e curia;

E á nossa auctoridade submettémos
Milhares de homens !—Voluntarios, digo,
Viemos ao perigo—e, emquanto longe,
Governámos senhores, respeitados,
Como no Capitolio obedecidos.
E havemos agora—oh vil, indigna
Proposição, de proferir covarde,
Affrontosa de ouvir !—E agora havemos
Nós mesmos, nós, quando mais perto arrocha
O laço do perigo—o pêso grave
Que espontaneos tomámos, arrojá-lo
Ao chão, sem pejo !—ou—que tanto vale,
Descahir co'elle todo sôbre os hombros
Do Atlante a quem vaidosos não quizemos
Confiá-lo atéqui ? Tal fôra a mancha
Da acção vil, que nem todo o sangue nosso
A deliria no porvir da historia.
Não, senadores ; não cubrais de infamia
Os ultimos instantes do senado.
Minha opinião sabeis ; persisto n'ella :
Se for possivel transigir com Cesar,
Pactuar sem desaire, e poupar sangue ;
Faça-se. Mas fugir covardemente,
Desertar, como transfugas, do pôsto
Que escolhémos !...Pereça a idea ignobil ;
E pereçamos todos : reine Cesar,
Reine,—mas seja so por crimes d'elle.

SCENA III.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, PORCIO, *senadores etc.*

PORCIO.

A's portas da cidade se appresenta
Um legado de Cesar : pede audiencia.

SEMPRONIO.

De Cesar!

MANLIO.

O' Catão, talvez nos traga
Honrosas condicções de paz: attende-o.

CATÃO.

Ou traga paz ou guerra, entre e se escute.

SCENA IV.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, *senadores.*

SEMPRONIO.

Queres ouvi-lo?

CATÃO.

E porque não?

SEMPRONIO.

Discorda
Condescendencia tal de teus principios.

CATÃO.

Principios meus!—Os da razão so tenho.
É dever escutar os homens todos.

SEMPRONIO.

Um tyranno tambem!

CATÃO.

O fanatismo
Está mais longe aïnda da virtude
Do que todos os vicios. E se unida
A hypocrisia lhe anda...

SEMPRONIO.

Não mereço
A Catão a suspeita...

CATÃO.

Não mereces,
Tens razão,—não mereces nem suspeitas.

SCENA V.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, DECIO *com cortejo, senadores etc.*

MANLIO.

É Decio o embaixador.

CATÃO.

Quem?—Oh vergonha!
Decio, um homem eqüestre !...Vista indigna !

DECIO.

A Catão saüdar Cesar envia.

CATÃO.

Catão não vejo aqui, vejo o senado.
Eu Cesar não conheço.

DECIO.

O invicto, o grande
Triümphador do mundo a ti me envia.
Suas hostes em frente d'estes muros
O signal so aguardam da peleja...
Antes o da victoria. Mas tal preço
Tem Catão a seus olhos, tanto adora
O dictador magnanimo as virtudes
De seu grande inimigo, que estremece
Pela primeira vez,—e mal se atreve

A seguir a fortuna que o precede.
Deante do teu, seu genio acovardado
Vacilla :—teme o vencedor da terra
De ficar vencedor! Tal é o zêlo,
O empenho com que, á custa de seus louros,
Quer salvar os teus dias preciosos.
No rendido universo tu somente
Lhe resistes: e a grande alma de Julio
Com tal competidor se ensuberbece.
Virtuosa vaidade, ambição nobre!
Triümphar de Catão Cesar deseja,
Mas não co'a espada. Generoso outorga
Aos companheiros teus, por teu respeito,
Amnestia geral: dadiva tanta
Por condicções so tem—" Catão amigo."

CATÃO.

Disseste?

DECIO.

Disse.

CATÃO.

Julio nada envia
A dizer ao senado?

DECIO.

Nada.

CATÃO.

Parte.

DECIO.

Mas...

CATÃO.

Ja t'o disse: eu Cesar não conheço.

DECIO.

Catão, ouve um momento. Os teus amigos

Queres sacrificar? Queres tu mesmo
Desafiar do vencedor as iras?
Quando elle generoso vem propor-te
O sancto bem da paz, nem ouvir queres
As condicções?

CATÃO.

As condicções são éstas:
Desarme as legiões, deponha a purpura,
Abdique a dictadura; á classe torne
De simples cidadão, e humilde aguarde
A sentença de Roma.—Então eu proprio,
Quanto inimigo fui, cordeal amigo,
Seu defensor serei. Jamais no fôro,
No senado se ergueu meu brado austero
Para defender crimes:—e a tal crime
Como o d'elle, Catão será patrono.
Se-lo-ha: por elle subirei aos Rostros,
E heide pedir, rogar, supplice, humilde,
Empenhar quanto sou e valho em Roma,
E alcançar-lhe o perdão, volvê-lo á patria.

DECIO.

Mas ve que...

CATÃO.

Nada vejo.

DECIO.

Acaso ignoras
Quem Cesar nomeou á dictadura?
Que o senado de Roma?...

CATÃO.

Esse senado
É vil rebanho dos mais vis escravos:
Nem ás margens do Tibre existe Roma.
Eu e os que ves, nós somos o senado;

E em nossos corações é que está Roma.
Dizei, ó Padres: ao tyranno Cesar
Guerra votais ou paz?

TODOS.

Guerra.

CATÃO.

Ouviste?

DECIO.

E vós, que vos dizeis os paes de Roma,
Os dias de Catão, em nada os tendes!
Tam preciosa vida...

CATÃO.

A minha vida
É a vida de Roma; e os meus dias
Vincularam os ceos aos dias d'ella.

DECIO.

E tu, Manlio, tambem!—Tu moderado,
Prudente, e cedes ao impulso louco
D'ésta cegueira!

MANLIO.

Cega é a honra, Decio?
Que condicções de paz trouxeste? Ignobil,
Indulto vil do vencedor suberbo.
Quaes crimes nos perdoa? O amor da patria,
A lealdade a Roma?—Que fianças
Da vida de Catão nos dá?—Fui sempre
Eu aqui o advogado da paz;—unico
Na curia fui, e persisti: mas hoje,
Agora, a minha voz foi a primeira
Que bradou guerra—e bradará constante
Emquanto houver de optar entre as desgraças
Da guerra—e a infamia de tal paz.

Decio.

Embora!
Minha mensagem dei. Cesar perdoa,
Mas não a ingratos. Chora-lo-heis ja tarde.

Sempronio.

E com que audacia tu, com que suberba
Contas assim tam certo co'a victoria?
Com tal despejo, tam seguro fallas
Como se a todos nós ja sôbre o campo
Víras extinctos, ou nos ferros torpes
De teu feroz senhor maniatados.
Ja supplices nos crês aos pés de Cesar?
Ja por escravos teus nos imaginas?
De nossas fôrças quem te disse o estado?
Temos armas, e braços de sobejo
Que essas temidas legiões rechassem.

Catão.

Um Romano, Sempronio, nunca mente.
Decio, não temos nada: debeis, poucos,
Moribundos soldados nos defendem.
Frageis muralhas entre nós e a morte
Intermeiam apenas. Pouco resta
Para a espada de Cesar. Mas não julgues,
Aïnda assim, tam facil a victoria.
Emquanto a dextra segurar um ferro,
Emquanto a voz não fenecer nos labios,
Emquanto aqui não resfriar de todo
No sangue de Catão, de Roma o sangue...
—Terra e ceos a abandonem!—desvalida
Não ficará de Roma a liberdade.

Decio retira-se accompanhado de seu cortejo, e de soldados romanos e numidas.—Depois de breve espaço, Catão, precedido dos lictores, sai por outro lado: seguem-no os senadores todos.

FIM DO ACTO SEGUNDO.

ACTO TERCEIRO.

A mesma vista do acto precedente.

SCENA I.

MARCO-BRUTO, DECIO.

MARCO-BRUTO.

Não aporfies mais: eu não recebo
Mensagens do tyranno.

DECIO.

Se souberas
O que encerra ésta carta!...

MARCO-BRUTO.

Encerre embora
Os thesouros do mundo. Não a acceito.

DECIO.

Marco, dá-me attenção—ao teu amigo...

MARCO-BRUTO.

Amigo tu!

DECIO.

Outr'ora m'o chamavas.

MARCO-BRUTO.

E quanto me enganei!

DECIO.

E eu que esperanças
Não concebia das virtudes tuas!

Marco-Bruto.

Tu fallas em virtudes !...tu !...

Decio.

E pensa
De Catão o discipulo orgulhoso
Que a avara natureza, os seus thesouros
So os gastou com elle,—e desherdados,
Para o enriquecer, deixa aos mais homens ?

Marco-Bruto.

Homens !—Homens sois vós?

Decio.

Mui falsa idea
Fizeste da virtude : amena e doce,
Não aspera, selvagem, desabrida,
A crearam os ceos ; ao peito humano
Foi dadiva e mercê, não foi castigo.
Tua philosophia arida, abstrusa,
Não corrompe talvez—porêm desseca
O coração, e ao natural impulso
De ingenuos sentimentos substituë
Compressão de phantasticos preceitos.
Artificiaes virtudes são as vossas,
Não as que o sôpro dos eternos deuses
Influïu n'alma do homem. Marco, Marco,
A virtude é mais bella, mais formosa
Do que teus vãos philosophos a pintam.
Não é esse squeleto descarnado
Após o qual subis estereis montes
Por caminho de fragas, precipicios:
Chegais ao cimo—que encontrais?—deserta,
Desabrigada solidão de rochas,
Sem uma flor, um verdejar de relva,
Nem um pallido musgo que dê vida
A' cumiada esteril !—E essa é a meta

A que tendeis! é esse o Bem supremo
A que aspiram desejos, esperanças,
Trabalhos do homem!

MARCO-BRUTO.

Decio, esperdiçaste
Em ruïns ouvidos a arte parasita:
Essa arte insidiosa, enganadora,
Filha da escravidão e da baixeza,
Que servos alcunharam de eloqüencia.
Eloqüencia!—Não é.—Os rebicados,
Meretricios enfeites, com que se orna,
Seduzem, não convencem: cegam alma;
Ao coração não chegam seus podêres.
—Quando nossos avós, austeros guardas
Da patria liberdade, se opposeram
A que artes gregas na severa Roma
Ousassem metter pé—esses Romanos
Bem lh' entreviam a peçonha occulta
Na apparente belleza. Adornos falsos
A formosura natural empannam
Da verdade,—da candida verdade,
Que é per si bella e não carece de arte.
Verdade era a eloqüencia dos antigos
Oradores latinos. Nunca ouviram
Outra o senado, os turbidos comicios;
Jamais emquanto Roma foi...romana.
A Grecia, d'onde houvemos n'outro tempo
Leis de ouro—a Grecia escrava e corrumpida
Ja não tem Aristogitons, Harmodios
Para Hipparcos romanos, nem Demosthenes
Para nossos Philippes: avexada
De proconsules crus (mercê latina,
Dom de ferro, por tanto aureo presente
De sciencias, de leis, que houvemos d'ella!)
Vinga-se como escrava,—propinando
A seus senhores o veneno lento

Que empeçonhou o sangue de Leonidas,
E a cuja virulencia nem resiste
O de Fabricio e Cincinnato. Enxames
De garrulos sophistas, de grammaticos
Vieram corrumper a incauta prole
De Roma : seus theatros e palestras,
Seus livros, seus poëtas e oradores
Affeminaram o viril aspecto
Da latina virtude...—Aos homens todos,
Deu-lhes um livro so a natureza,
O proprio coração.

DECIO.

E n'esse livro
Achas ferocidade uma virtude ?

MARCO-BRUTO.

N'uma palavra so ; questões deixemos :
Essa carta é de Cesar ? Não a acceito.

DECIO.

Ve o que fazes : libram n'ésta carta
Os futuros destinos dos Romanos.

MARCO-BRUTO.

Como !

DECIO.

Ouve : de Catão (bem o conheço)
Temes a rigidez ? Pois bem : a elle
Vai tu mesmo levá-la : elle que a leia.
(*entrega-lhe a carta.*)

SCENA II.

MARCO-BRUTO *so.*

A Catão...ésta carta...—E eu recebi-a !...
Não me illudes, escravo : ei-la, que a rasgo.

Que faço !...ella de Roma encerra os fados.
Que importa ! encerre os fados do universo :
É d'um tyranno ; rasgo-a...

SCENA III.

MARCO-BRUTO, CATÃO.

CATÃO.

Bruto ?

MARCO-BRUTO.

Oh deuses !

CATÃO.

Que fazias aqui ?

MARCO-BRUTO.

Eu !—ésta carta...
Não a quiz—resisti—foi quasi á fôrça...
Começada a rasgar...

CATÃO.

A estes sitios
Como ousaste voltar—com que licença?

MARCO-BRUTO.

Ordens do centurião.

CATÃO.

Que carta é essa ?

MARCO-BRUTO.

Decio...

CATÃO.

Decio !

MARCO-BRUTO.

De Cesar...

CATÃO.

Que oiço !

MARCO-BRUTO.

Ah...

CATÃO.

Dá-ma.

(le)

Cesar a Bruto.—O coração não soffre
Occultar-te mais tempo o arcano (oh deuses !)
Dos vinculos... que me unem (ceos!) *a Bruto.*
Tu...es...meu filho—Saberas o resto
Nos braços paternaes...Vem, vem, meu filho,
Ajudar-me a reinar sóbre o universo.
(silencio longo.)

MARCO-BRUTO.

Perfido, mente. Eu filho do tyranno !
Este sangue ?...

CATÃO.

É de Cesar.
(*silencio longo.*)

MARCO-BRUTO.

Eu succumbo
Ao oppróbrio, á infamia.—Sangue este é de Cesar ?
(*tira a espada*)
Impossivel ! Não é.—Todo aqui jorre
Na terra; e o coração desaffrontado
(*em acção de ferir-se*)
Do sangue vil—romano expire ao menos.

CATÃO.

(*desarmando-o*)
Filho !...Tu es meu filho.
(*abraçam-se.*)

MARCO-BRUTO.

Pae !...Não; outro,
Deuses, deuses crueis ! não podeis dar-m'o.

CATÃO.

Sim, sim ; eu sou teu pae : de tenra infancia
Como a filho (e que filho !) te amei sempre.
Eu te formei essa alma de Romano,
Que lagrymas...oh, lagrymas de gôsto
Me faz verter agora. De teus dias
Occultei o segredo emquanto pude.

MARCO-BRUTO.

Quê ! filho eu sou ?...

CATÃO.

De Cesar.
(*silencio.*)

MARCO-BRUTO.

Dá-me o ferro.
D'este sangue uma gotta, uma so gotta,
Não, não deve ficar sôbre o universo.

CATÃO.

Basta ; meu filho es, filho de Roma :
Teus paes são estes.

MARCO-BRUTO.

Cesar...

CATÃO.

É um monstro.

Marco-Bruto.

Mas...

Catão.

O acaso não é crime. Escuta.
Ninguem ao despontar da juventude
Annunciou talentos mais brilhantes,
Do que Julio mancebo. Na sua alma,
De Romana grandeza, de virtudes
Desinvolvia o germe esperançoso
Que tam mal prosperou, que tanto soube
Illudir-nos, cegar-nos. O perverso
So se valeu dos lucidos talentos
Que em dom fatal lhe deu a natureza,
Para os fazer servir a seus projectos
D'avareza, ambicão, de tyrannia.
Emquanto a van grandeza de sua alma
Nos fascinava os olhos; entretanto
Que de suas virtudes mentirosas
Nos deslumbrava a candidez fingida;
Manhosa serpe no dobrado peito
A peçonha nutria de seus vicios;
No refalsado coração lhe ardia
A negra tocha de execraveis crimes.
Do popular favor ja precedido,
Caro a patricios, a plebeus acceito,
O idolo de Roma era então Cesar.
Todos n'elle agouravam firme esteio
Da patria, que d'então ja começava
A baixar de valor, cahir de glória.
Confésso; eu proprio me ceguei com elle:
Amei-o—amei-o tanto como a filho.
Qual o meu coração, minha pousada
Franca sempre lhe foi—E o monstro...o monstro
Fingia amar-me; parecia, ao ve-lo
Nomear-me seu pae tam docemente,
Que me adorava o perfido.—Servilia...

Oh lembrança...lembrança de tormento !
Servilia, minha irman, por essas eras
Dava mate ás bellezas mais falladas
Da capital do mundo. Pura e simples,
Sua alma era mais candida do que ella.
O coração, que o rosto debuxava,
Era a mesma innocencia. Viu-a o perfido ;
Viu-a, attractivos tantos o prenderam :
Sem dó de mim, sem mágoa da innocente,
Intentou seduzi-la,—deshonrá-la...
Poupa-me o resto...A timida donzella
Inexperta cahiu no laço indigno...
D'esse horroroso amor tu foste o fructo ;
E a victima infeliz nas âncias cruas
D'algoz remorso definhou em breve.

MARCO-BRUTO.

E elle ?

CATÃO.

Abandonou-a.

MARCO-BRUTO.

E tu ?

CATÃO.

Eu pude
Vencer commigo a não morrer de pejo.

MARCO-BRUTO.

E esse monstro é meu pae ?

CATÃO.

Gerou-te.

MARCO-BRUTO.

Oh deuses !

CATÃO.

Deves-lhe o dom mesquinho da existencia.
Fui eu que te eduquei; tu es meu filho.
Para os foros de pae ha mais deveres:
E quem nunca os cumpriu, pae não é esse.

MARCO-BRUTO.

Mas...filho d'elle...

CATÃO.

Filho es so de Roma.

MARCO-BRUTO.

Devo...

CATÃO.

Ser cidadão.

MARCO-BRUTO.

E elle...

CATÃO.

Um tyranno
É algoz, não é pae.

MARCO-BRUTO.

(*em acção de partir*)
Oh Roma! oh Roma!

CATÃO.

Aonde vais?

MARCO-BRUTO.

Aonde vou!...Aonde?
Vou desafiar de Cesar os furores;
Vou lançar-me por entre essas phalanges;
Procurá-lo, buscar-lhe a ponta á espada,
Guiar-lh'a ao coração, mostrar-lhe o peito
Onde deve ferir: o sangue impuro,

Que d'elle recebi, elle que o verta;
E, se o crime o fez pae, o crime extinga
O titulo odioso e o nome horrivel.

CATÃO.

E Roma?

MARCO-BRUTO.

Ah! Roma...

CATÃO.

Manda-te que vivas:
Ordena-t'o Catão em nome d'ella.
Adeus.—Apperta o tempo. Nas muralhas
Vou confortar os raros defensores
Da agonizante liberdade.—Marco!
Marco-Bruto, meu filho, olha o que deves
A Roma, a ti, a mim!

SCENA IV.

MARCO-BRUTO *só.*

Ordena-o Roma;
Vivirei, sim:—manda-o Catão; eu vivo.
Mas este sangue...(oh sangue abominavel!)
Em sacrificio á morte está votado.
Um de nós... pae ou filho...Negra idea!
Um de nós, Cesar!...—Gemes, natureza?
Quando a patria folgar—oh, geme embora.

SCENA V.

MARCO-BRUTO, SEMPRONIO.

SEMPRONIO.

Viste Decio?

MARCO-BRUTO.

Oxala que nunca o víra!

SEMPRONIO.

Porquê?

MARCO-BRUTO.

Não sei.

SCENA VI.

SEMPRONIO *só.*

Que enigma, que mysterio
Occulto encerra este dizer de Bruto?
Fallou com Decio...—e "oxala (diz elle)
Que nunca o víra!"—Decio prometteu-me
De não partir sem ajustarmos antes
Nossas condicções todas...—E tam louco
Sería elle que de Marco-Bruto
Fiasse...do mais cego enthusiasta
De Catão,—o discipulo dilecto,
Nossos communs projectos de vingança?
Não póde ser: astuto, arteiro é Decio.
E quem sabe?—O mancebo é caro a Cesar,
Que o ama como a filho;—e rumor corre
De haver entre elles vínculo secreto,
Tacita intelligencia...Trahir-me-ia
Decio por amor d'elle?—Se tal fôra!...
Oh, se de tantas lidas e perigos,
Sustos, remorsos. (ai! tambem remorsos)
Que ésta conspiração me tem custado,
So me resta colhêr o fructo amargo
Que a miüdo vêem traidores— o desprêzo,
O castigo, e—inda mais acerbo! o escarneo
Do proprio ingrato que lucrou no crime!

Embora : mas sacie-se ésta sêde
De vingança, o entranhavel odio d'alma.
Depois—oh, depois venha oppróbrio e morte.
Decio não chega ! E o sol cai no horisonte
Precipitado ja. Decerto é ido
(olhando para um lado da scena)
De Utica.—Oh, ei-lo sai agora as portas.
Se me trahiu !...E que trahisse: o golpe
Hade dar-se ; jurei-o pela Styge.
Orgulhoso inimigo, hasde prostrar-te
A meus pés ! Ver-te-hei com estes olhos,
Varrendo a Sacra-via—não co'a toga
Negra, que tua stoïca vaidade
Ostentava no fôro, no pretorio :
Não ! mas com a vil tunica de escravo,
No triümpho de Cesar.—Pouco resta
De minha ardua tarefa. Juba, o cego,
O presumpçoso Numida está certo.
Ésta noite, ésta noite !—Mas, tranqüillos
Serenemos o rosto, e componhamos
A máscara : não veio o tempo aïnda
De a rasgar.—Approxima-se a hora, dada
De prazo a Juba para aqui nos vermos.
Não tardará.—Ahi vem :—e vem correndo
Agitado...sem côr...—Oh, se !...

SCENA VII.

SEMPRONIO, JUBA.

JUBA.

Sempronio,
Sempronio, é impossivel—impossivel !
Não esperes de mim...Sabe-se tudo.

SEMPRONIO.

Sabe-se tudo !—Barbaro, trahiste ?...

Juba.

Barbaro !...Eu sei, Romano, que sou barbaro :
Porque...não vim ao dia aopé do Tibre.
E tu—nasceste na Cidade-eterna.
Porêm ésta alma, não a tróco...—Juba
Nunca trahiu ninguem, Romano.

Sempronio.

Ah principe,
Trahir ! Traição é crime que se roce
Por corações como esse ! E tu fizeste
Tal injustiça ao teu amigo !—Barbaro !
Imaginaste que te chamei barbaro ?
O barbaro sou eu : e n'ância d'alma
Barbaro me chamei, traidor, infame,
Que assim te expuz a perfidas suspeitas,
Que por meu zêlo—indiscreto, cego,
Demaziado talvez—puz em perigo
A tua glória,—a não-manchada fama
Do mais illustre principe da terra.
Oh, que este louco amor da liberdade,
Ésta cegueira por Catão me perdem !

Juba.

Perdoa-me Sempronio : essa virtude
Não se finge : venceste, convenceste-me.
Eu duvidava—não de ti, amigo,
Mas de teus socios. Porcio—tu bem sabes
Que alma é a de Porcio !—não confia n'elles,
E em seu zêlo não crê de liberdade.

Sempronio.

Pois revelaste a Porcio ?...

Juba.

Ja te disse
Que não sei atraiçoar, Romano. Extrêmo
Es em suspeitas !

SEMPRONIO.

É mais do que extrêmo ;
Excessivo é meu timido receio
N'ésta causa, meu principe. Covarde
O coração me bate a um rumor leve...
Se no inquieto leito em breve somno
Repoiso acaso—descompostas larvas
Me pintam na convulsa phantasia
Catão no profanado Capitolio
Rojando ferros...e os crueis motejos
Da soldadesca...e o mais cruel surriso
De Cesar triümphando na sua victima...
Ah!...

JUBA.

Não prosigas, que me rasgas alma.
Prompto estou para tudo. A'vante! Salve-se
Catão. Pereça tudo, e salve-se elle.
—Mas ouve: eu não confiei a Porcio nada
De teus projectos. Porêm elle sabe
De sedições em que entram, são cabeças
Muitos de teus mais intimos amigos.
Fallou-me em Decio, e occultas conferencias...

SEMPRONIO.

Decio!

JUBA.

Que entre elle e um senador houvera :
Mas não disse quem foi.

SEMPRONIO.

(*fica algum tempo pensativo*)
Ahi ves bem certo
Quanto te hei ditto. Insidiosa trama
Em Utica se fórma. Esses malvados,
Do dia ao fenecer, querem as portas
Abrir ao dictador. Da vil perfidia

Os covardes auctores — bem aocerto
Não os conheço. Que imprudente fôra,
Em circumstâncias taes, fazer patentes
Ao senado, a Catão minhas suspeitas;
Principe, bem o vês. Desconfianças,
Incerteza cruel acabariam
De desunir de todo os pobres restos
Da agonizante Roma. Tu conheces
De Catão a franqueza descuidada:
Nada teme e de nada se acautella.
Sua politica é aberta, simples
E tal como a sua alma; os seus projectos
Patentes sempre são. Ignora, odeia
Essa que chamão arte de govêrno.
Mas ah, quam mal os deuses collocaram
N'este universo d'hoje homem tammanho!
Os seculos de crime, em que vivêmos,
Nem d'elle dignos são, nem elle é d'elles.
Cercada de artificios, de maldades,
É fôrça que a virtude lhes succumba
Se artificios tambem (que os ha com honra)
Não souber cautellosa oppor-lhe a tempo.

JUBA.

Amigo, tens razão: por tua bôca
Falla a prudencia. Dize-me, acconselha-me
O que devo fazer; de que maneira
Cumpre atalhar a desleal perfidia.
Minha espada, meu braço, os meus soldados,
Tudo está prompto: falla.

SEMPRONIO.

Antes de tudo,
Inviolavel segredo é necessario.
Nem Porcio, nem Catão, ninguem o saiba;
Ou baldâmos trabalho,

JUBA.

Mas...

SEMPRONIO.

Depende
Todo o exito d'aqui. Dá-me a tua dextra.
Ninguem...

JUBA.

Morre commigo o meu segredo.

SEMPRONIO.

Pois bem. As portas velam do occidente
Soldados teus. Romano algum com elles
Não vigia ésta noute. Mal comece
A engrossar-se o crepusculo da tarde,
Caladamente com tuas tropas marcha
A embuscar-te detraz d'aquelles combros
Que á esquerda vês, não longe da cidade.
D'alli, quando seguras avançarem
As legiões de Cesar, repentino
A retaguarda subito lhe cortas;
Emtanto nós á frente os commettêmos:
E a que julgam victoria indisputavel,
Ser-lhe-ha talvez miserrima ruïna.

JUBA.

Amigo—oh, meu amigo, que ventura
Se Roma eu posso libertar, se um Numida,
Um barbaro resgata a escrava Roma!
E Catão—e salvar Catão! Oh glória
Sem par!—Cesar, sou eu que heide punir-te.
Romano senador, atrraiçoaste
A liberdade; e um principe, nascido
Entre escravos senhor, hade arrancar-te
Da frente o diadema ensangüentado...
Que o calque o Povo-rei aos pés.—Sempronio,

Admiras-te de ouvir-me ? Ve qual fôrça
Tem o exemplo, os dictames respeitados
De homens como Catão. Nasci, amigo,
No throno : mas se o throno hade custar-me
Uma so violencia, um so gemido
Dos infelizes que se crem nascidos
So para o sustentar—abjuro o throno.
Quanto mais prézo e quero o fôro augusto
De cidadão romano, que essa c'roa,
De tanto sangue e lagrymas banhada
Na frente de meu pae!...—Meu pae! vingar-te
É so minha ambição. Vingar-te juro.
Co'este braço a teus manes venerandos
O tyranno de Roma heide immolar-te.
O' meu pae, oh, dirige o golpe ardido,
Leva-lh'o ao coração da tua victima.
Cesar! Cesar! ás furias implacaveis
Da pallida vingança aqui te voto;
E sôbre essa cabeça criminosa
Seu flagello conjuro. Atros podêres
Do Averno, ouvi a imprecação tremenda:
" Por vingativas mãos pereça o monstro.
Se ás minhas o negais, seja o mais caro
Amigo seu,—seja seu proprio sangue
Que aquelle sangue em vosso altar derrame.
Oh, se um filho elle tem...Justiça eterna
Dos deuses immortaes, ao parricida
De nações—puna emfim o parricidio !"

SEMPRONIO.

(*á parte*) (*alto*)
Estremeço de ouvi-lo.—Juba, principe,
Modera-te : tuas vozes soam alto ;
(*olhando para dentro da scena*)
Podem ouvir-nos....—Ves ? Porcio caminha
Para aqui.—Não te mostres n'esse estado

De tanta agitação. Disfarça, occulta;
Ou estamos perdidos...

JUBA.

Não te assustes.
Ferve-me sangue d'Africa nas veias;
É sangue de meu pae: mas a alma é filha
De Catão, que a formou.—Ves o meu rosto?
Está sereno agora, e...

SEMPRONIO.

Porcio chega.

SCENA VIII.

SEMPRONIO, JUBA, PORCIO.

PORCIO.

Caro principe!

JUBA.

Amigo!

PORCIO.

Venho, Juba,
Despedir-me de ti. Ha longo tempo
Que te procuro em vão: e a noite vinha
Appertando,—e eu sem alma de ir-me embora,
Para dizer-te adeus.

JUBA.

Que dizes, Porcio!
Onde vas?

PORCIO.

Ao meu pôsto. Fui ditoso,
Que o melhor pude obter,—o de mais p'rigo,

Onde mais derrocadas as muralhas
Aos primeiros assaltos do inimigo
Hão de ficar expostas.—Vou-me á morte,
Certa, meu Juba; vou...

Sempronio.

E a grande alma
De Porcio desalenta assim no p'rigo?

Porcio.

(olha para Sempronio, e sem lhe responder, volta-se a Juba.)

Não me falta a coragem que o arrosta,
Mas fallece a esperança de vencê-lo.
Eu não temo,—temer é de covardes;
Mas desanimo. Roma está perdida;
E meu pae—e Catão não sobrevive
A' republica.—Sou Romano, Juba;
E vejo satisfeito alçar-se o golpe
Que no altar da patria hade immolar-me.
Mas sou filho tambem: e a natureza
É mais forte que Roma. Oh, resta aïnda
O sacrificio último!—Meus olhos
Não te hão de ver, dia de mágoa e lucto!
Succumbe-me a alma!...Não, estes meus olhos
Não o hão de ver no instante derradeiro
Fitar aïnda a moribunda Roma;
Nem ja por entre os labios descorados
Murmurando fugir da patria o nome!
Principe, um não-sei-quê me diz ao peito
Que este adeus é talvez o derradeiro
Que me é dado dizer-te. O' meu amigo,
Ca te deixo inda mais do que a minha alma.
Um pae, Juba...e que pae! Não o abandones,
Oh, não o desempares um momento.
Tu conheces Catão: sua alma nobre

Não se deixa vergar ; seus pulsos livres
Não soffrerão grilhões : e o braço firme
Primeiro ao coração...Caros amigos,
Oh, se podeis, rettende-lhe esse golpe !
Oh, lembrae-vos de Porcio n'esse instante ;
Recordae-vos da patria...Ai ! essa patria
É quem m'o rouba, é quem m'o sacrifica.
Não, tyranno, que es tu...Ah Cesar, Cesar !
—Adeus, principe, adeus.

JUBA.

Meu Porcio, escuta :
Não vejas de tam perto essas desgraças.
Eu tenho esp'rança aïnda. E tu, Sempronio,
Conmigo não a tens ?

SEMPRONIO.

(*baixo*)
Principe !

JUBA.

(*para Porcio*)
Amigo,
Tambem um não-sei-quê me diz no peito
Que hãode nossos destinos melhorar-se ;
E que aïnda detodo os sanctos deuses
De sôbre nós a dextra omnipotente
Despiedados, crueis não retiraram.

PORCIO.

Oh, cega esp'rança !

JUBA.

Não é cega, Porcio.
Eu heide—eu posso...

SEMPRONIO.

(*á parte para Juba*)
Juba !

JUBA.

Vai, meu Porcio,
Vai; cedo nos veremos.

PORCIO.

E bem cedo.
A formidavel hora vem chegando;
E onde ha perigo, ahi certo está Juba:
Quem o ignora, meu principe? La junctos
Nos veremos aïnda—entre os cadaveres
Dos escravos de Cesar!—Minha esp'rança,
Minha consolação unica é essa;
Que heide morrer assim—livre e vingado.
Meus amigos, adeus! É tarde, e a noite
Ja vai poisando em nossos tristes muros.
Voo á minha estação. Oh, venha cedo
Esse temido e desejado instante!
Venha, que ja me tarda; e acabe um'hora,
Termine de uma vez ésta agonia
Tam lenta, tam cruel.—Eu corro, amigo,
O coração me diz que á morte certa...
Mas, seja ella honrada!...Adeus.

(*abraçam-se.*)

JUBA.

Oh Porcio!

FIM DO ACTO TERCEIRO.

ACTO QUARTO.

Portas da cidade, do lado de dentro.—Noite.

SCENA I.

MANLIO, *soldados.*

MANLIO.

(*denfendendo, se, a sahida da porta contra algums soldados romanos*)

Detende-vos, traidores.—Gente indigna!
Heisde passar porcima do meu corpo.
E soldados romanos sois, indignos!
Soldados de Pompeu!—Eia, rebeldes,
(*Os soldados param deante de Manlio.*)
Começae n'este velho, que em Pharsalia
Vos guiou contra as hostes do tyranno,
Começae vossos feitos gloriosos.
Aqui estou so, feri: que vos demora!
Oh, faltava-nos mais ésta vergonha,
Ésta vergonha derradeira!—Roma,
Ahi tens os teus heroes. Catão, são esses,
Ei-los, da liberdade os defensores!...

Os soldados mostram irresoluçào e parecem consultar entre si: mas a final investem com a porta, e atropellam Manlio. Ao mesmo tempo entra de fóra Marco-Bruto guiando uma cohorte, e os repelle para dentro.

SCENA II.

MANLIO, MARCO-BRUTO, *etc.*

MARCO-BRUTO.

Perfidos !...Ah covardes ! Tarde vinheis,
Em má hora.—Soldados, desarmae-os,
Ligae-lh' os pulsos vis : loros d'escravos
N'essas mãos vis ficam melhor que a espada.
(*Os soldados de M.-Bruto desarmam e ligam os rebeldes.*)
Mas quê!...Tu, Manlio!—tu tambem com elles!
Nunca me enganei eu.—Erguei-o, amigos,
D'esse lodo em que jaz—enxovalhando
Em sangue e infamia as cans — as cans traidoras
Do refalsado velho !—O que eu devia
Co' ésta espada...Não ; vive, miseravel,
E arrastra ao sepulcro essa vergonha.

MANLIO.

(*levantando-se ajudado dos soldados*)
Impetuoso mancebo, onde apprendeste
A injuriar um velho que ?...Perdoo-te
Mais ésta vez : perdoar é para velhos.
—Marco-Bruto, a vergonha está comtigo
Que insultaste, sem causa, as cans honradas
D'um patricio romano—e d'um amigo.
Bruto, esse nome que te enleva tanto,
Não se illustrou assim. O ouro escondido
No baculo, era a imagem da prudencia :
E com essa é que Roma foi liberta.

MARCO-BRUTO.

O gran' Censor não era mais discreto
Em seus conselhos. Manlio deveria
Defender-se primeiro...

MANLIO.

Defender-me!

MARCO-BRUTO

Pois não te vi agora?...

MANLIO.

Viste um velho
So, desarmado, e...—Não me justifico:
É indigno de mim.

SCENA III.

CATÃO *precedido de lictores, e soldados romanos com faxos accesos;* MANLIO, MARCO-BRUTO, *etc.*

CATÃO.

Filhos de Roma,
Que é isto? que fazeis? que intento é o vosso?
Rebeldes vós, traidores os Romanos!
Manlio, Bruto, fallae: que insania é ésta?
O traidor onde está, quem é?—Dizei-m'o.

MARCO-BRUTO.

O traidor?—Esse infame.

CATÃO.

Quem?

MARCO-BRUTO.

É Manlio.

CATÃO.

Manlio!—Manlio eu conheço.—O quê?—Observa,
Inexperto mancebo, aquelle rosto.
Ves um traidor alli?—Marco, meu filho,
O crime—o crime tem outro semblante.

Apprende a ler no coração dos homens
Pelas linhas da fronte.—Meu amigo,
Perdoa-lhe: seu zêlo é cego aïnda.

Manlio.

Ja lhe tinha perdoado.

Catão.

Ouviste, Marco?
Arrepende-te e emenda-te, meu filho.
(*pausa*)
—Mas que mysterio de perfidia é este?
Sempronio...aonde está? Juba? o meu Porcio?

Marco-Bruto.

Não sei. Eu no tropel embaralhado
De tropas fugitivas, de rebeldes,
De combatentes, mortos, de feridos,
Nada vi, nada sei. So sei que o ferro
Sobejos immolou á liberdade:
So vi, para os ferir, peitos covardes.
A vingança, o furor, a sanha da íra
So me deixaram olhos para a espada.
Foi tam cruënto e rapido o conflicto!
Mas succedeu-nos bem. Os vis traidores,
E as legiões de Cesar, que ja vinham
Direito ás portas e a juntar-se co'elles,
Foram desbaratadas. As phalanges
Leaes cahiram, como raios vivos,
Sôbre os montões de escravos que ameaçavam
Esmagar-nos:—tam poucos que nós eramos!
Mas:—"Avante (bradámos) eia! morra,
"Pereça Roma com seus filhos todos!
"Foi menos glorioso o sacrificio
"Dos Fabios. Roma um dia hade vingar-nos,
"Como os vingou a elles. Eia, ávante!"
E ávante fomos; e vencémos. Morre

Quanto não foge. Dispersou-se tudo.
Voltámos fartos de matar—cançados
Aïnda não. Mas era fôrça: os muros
Desguarnecidos, e o temor de nova
Traição, nos fez volver ás portas de Utica.

CATÃO.

Manlio, mas tu...tu emmudeces? Falla:
Mata-me esse silencio.

MANLIO.

O meu silencio...
Ah, deixa-m'o, Catão:—oh, não desejes
Ve-lo quebrado.

CATÃO.

Quê! Porcio...meu filho...
Acaso?...

MARCO-BRUTO.

Porcio vela do outro lado
Da cidade, no lanço da muralha
Mais expugnavel—onde se precisam
Defensores como elle.

CATÃO.

E Juba?

MARCO-BRUTO.

Juba...
Não me lembra de o ver.

CATÃO.

Que escuto!—Manlio,
O principe?...

MANLIO.

Não falles n'esse monstro:
Foi traidor como um barbaro.

MARCO-BRUTO.

Elle!—O sangue
Não desmente das obras. Um tyranno,
Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

CATÃO.

Deuses, guardaveis-me inda o trago acerbo
Para o meu coração!—Fado inimigo,
Ja não consegues abalar-me o peito.
Vi desertar da causa da republica
Seus mais strenuos fautores: vacillante
Pompeu,—e Marco-Tullio arrependido
De seguir nossas miseras fortunas,
Tergiversar, fugir porfim—e a purpura
Consular pela estrada de Tarento
Arrastrando no pó, ir supplicante
Humilhar-se ao tyranno... Ah!—tudo hei visto;
Tudo: mas nada me feriu aïnda
Tam vivo n'alma como Juba ingrato...
(*Silencio geral.—Catão dá algumas voltas, passeiando, como abstracto;— e logo prosegue:*)
E Sempronio?

MANLIO.

Pois quê! ignoras inda
Que o auctor da traição foi esse indigno?

MARCO-BRUTO.

Sempronio!—Ha poucas horas a mim mesmo
Se me gabou que ousára no senado
Desafiar a Decio, e que...

CATÃO.

Apprende,
Marco, d'ahi a conhecer os homens.
O valor verdadeiro não se ufana,

Não blasona atrevido;— a espada cinge,
Mas so no campo de que a tem se lembra.

MARCO-BRUTO.

Sempronio !...que—a Tiberio ja não digo,
Mas nem a Caio-Graccho na vehemencia
Do orar cedia, que á mais leve idea
De servidão bramia mais terrivel !...

CATÃO.

Desconfia onde vires tanto zêlo
Em palavras: discreto, e parco d'ellas
É o verdadeiro amor da liberdade.

MANLIO.

Ah Catão ! dize agora: que esperanças
De Roma tens aïnda ?

CATÃO.

Eu tenho as mesmas.

MANLIO.

As mesmas !

CATÃO.

Sim; as de morrer por ella.

MANLIO.

Ai ! nem ja isso, amigo, nos é dado:
Nem um extrêmo esfôrço de agonia
Para expirar com glória ! A moribunda
Loba do Capitolio não tem fôrças
Nem ja para investir, no último arquejo,
Com seus brutaes senhores, e cravar-se
N'um glorioso e nobre desespêro
Em suas lanças traidoras. Cahiremos
Como rêzes em torpe sacrificio,
Imbelle morte, inulta !...

MARCO-BRUTO.

Inulta! Nunca.
Sem se vingar, sem vos vingar, não hade
Perecer Marco Bruto.—E o holocausto
Hade espantar, hade aterrar o mundo!...

CATÃO.

Vingança! E paraquê? Que dás á patria
N'esse holocausto inutil?

MARCO BRUTO.

Tu lhe chamas
Inutil!—O atro sangue d'um tyranno
Desparzido no altar da liberdade,
Inutil póde ser!—A mão ditosa
Que o ferro imbebe no malvado peito,
Que lhe descose as perfidas entranhas,
E vai ao coração buscar-lhe a vida
Para cortar-lhe o fio negregado,
Não é mão d'um heroe? Ha sacrificio,
Que appraza mais aos deuses justiçosos?
Oh, que ha vingança que tambem é numen!
Da liberdade a árvore não cresce,
Se a não regar dos despotas o sangue:
Embora a plantes; não lhe ves o fructo:
Hade-te ir definhando a pouco e pouco,
E da heivada raïz hãode brotar-lhe
As parasitas plantas, que mui breve
Gigantes crescerão, e hãode assombrar-te.
Vingança!—Eu sempre vi esses Romanos,
Raios da patria, exemplos de virtude
Imitados por ti, por ti citados,
Sempre os vi abrazados de ira sancta,
Ferir sem dó, e derramar sem pena
O sangue dos malvados que attentavam
A' majestade augusta da republica.

Mais nomes não direi que um so,—antiga
Honra dos meus, cuja tremenda imagem
Inda no Capitolio brande a espada,
Terror dos reis, e salvação de Roma :
Junio-Bruto...

CATÃO.

E que sangue esparziu Bruto ?
Que vinganças tomou ?—Da voz ingente
Aos brados formidaveis se ergueu Roma,
E fugiu pavorosa a tyrannia.
Mas a voz que troou no Capitolio,
E que hade eterna resoar no mundo,
Os braços não armou, não ergueu ferros
Para lavar dos despotas no sangue
As injúrias da patria. Sua espada
So desembaïnhou para afastá-los
E não para feri-los. N'esses tempos
(Eras ditosas que não mais veremos !)
A romana altivez, o nobre orgulho
Perdoava generoso, e desdenhava
De enxovalhar o ferro em sangue immundo.
— Sangue correu então: mas qual? seu proprio,
Seu proprio ás mãos do algoz jorrou na terra
Quando os filhos indignos sacrifica
A' merecida pena, á morte justa.
Mas privado juïz não foi nem d'elles ;
O cutello das leis é que os immola.
—Um tyranno é, sem dúvida, na terra
O malvado maior : mas nem por isso
Te é lícito puni-lo. Magistrados
Que o julguem, leis que o punam,—com algozes
Para as executar, tem a republica.
Usurpas tambem tu se em juïz privado
De públicas offensas te instituës.

Marco-Bruto.

Mas uma lei, ó pae, tu me ensinaste
Que sôbre todas respeitar se deve:
Mais veneranda e antiga m'a dizias
Que todas essas leis,—que plebiscitos,
Que senatusconsultos,—em mais clara
Eqüidade fundada do que o Album
Do pretorio,—gravada n'outro bronze
Mais duravel que as tábuas dos decemviros;
Lei das leis, immutavel e suprema,
—A da salvação pública.

Catão.

O difficil
É conhecer, meu filho, quando a fôrça
D'essa maxima lei quebra a das outras;
Quando o feito, que é injusto, opposto a ellas,
A salvação da patria o revalida.
—Em meus primeiros dias, no ingenuo
Despertar de innocente puberdade,
Me levaram, ó Marco, aos sangüinosos
Paços de Sylla.—(De meu pae amigo
Fôra o monstro.)—Inda as carnes se arripiam
C'o presente spectaculo que tenho
Deante dos olhos,—do cruor esparso,
Dos palpitantes membros strangulados,
Dos tabescentes, lividos cadaveres
Nas cruzes pelos atrios,—a viüva
Gemendo alêm, carpindo o orpham:—e o torvo
Aspecto, o feroz riso dos ministros
Do tyranno, apupando com motejos
As sangüentas cabeças dos mais nobres,
Mais illustres varões que Roma tinha,
E que hasteadas em triümpho hediondo
De atroz pompa levavam... Vista horrivel!
E... inda mais de indignar! e mais aïnda

As trementes entranhas me excitava,
O ver, o ouvir as turbas circumstantes
Devorando seus tremulos gemidos,
Disfarçando,—cubrindo a face pallida,
Que lhes não vissem a furtiva lagryma!
E a mão, que stringir devia o ferro,
E que talvez segura no mais rijo
Da batalha o brandíra,—mal ousava
De ir, co'a orla da toga, a medo e trépida,
Aos olhos que alma timida arrazava
De feminino pranto...—O que é o povo!
O que são homens!—Hontem expulsastes
A Coriolano porque ousou negar-vos
Os baldios communs: hoje fugindo
Abandonais á furia dos patricios
Graccho que vo'-los dava!—E agora...O íntimo
D'alma joven, ardente me anciava
C'o espectaculo feio e vil.—"E como
(Disse a meu pedagogo) como em Roma
"Não ha quem mate Sylla?"—"Não (me torna
Branco de medo o velho), não; detestam-n'o:
Mas temem-n'o inda mais."—"E porque (cego
De íra lhe respondi) porque uma espada
"Me não dás, que o vou eu matar—e livro
"A patria?" A grande custo me conteve,
E me levou d'alli o ancião prudente;
Nem la voltámos.—Vinha de bom ânimo
A tenção: mas que importa! Mario ahi estava
Para inutilizar o feito ardido,
Se meu infante braço o executára.
——Ah! que fructo da patria ao bem resulta
Com lhe ficar um despota de menos?
Vanglorioso do golpe que vibraste,
Cuidas que o monstro feneceu com elle?
Enganas-te: as cem frontes d'essa hydra
De seu proprio veneno reproduzem;

Por uma que decepas, mil te surgem :
Mal, que julgavas ter de todo extincto,
Então se aggrava mais.

Marco-Bruto.

Quê ! socegados
Veremos engolphar no abysmo a patria,
E tranqüillos no meio da procella,
Ve-la-hemos assim ir-se affundando
No mar da escravidão ! Anciada embora
Supplices mãos estenda aos filhos caros;
Que os virtuosos filhos não se atrevem
A perpetrar o crime de salvá-la.
É virtude—confésso—que me admira,
Que jamais conheci.

Catão.

Na tua idade
Respeitam-se os anciãos, ouve-se e apprende-se.
Mancebo, escuta :—Libertar a patria,
E dar pelo resgate a propria vida,
Não é mais que dever : grande heroïsmo,
Acções de glória, n'isso não as vejo :
O homem que assim obrou foi homem de honra,
Cumpriu sua obrigação.—Mas outros meios
Tem de empregar mais certos, mais seguros,
Quem se abalança a emprêza tam difficil,
Se baldos não quer ver cuidado e riscos.
Desaffogar a patria de um tyranno,
É transitorio allívio : empeiora a miüdo
C'o esse remedio o mal ; tens cem tyrannos
Em vez de um : nem talentos nem virtudes
Occuparão, no Estado, o grau supremo
Entre vis demagogos repartido
Por facções, por subornos, peitas, crimes.
Tincta era em sangue a purpura,—era ferreo

O sceptro do tyranno : mas as togas
Dos decemviros—tinge-as cruor negro,
E pallidos venenos as mosqueam
De nódoas que revêem torpeza, infamia,
Flagicios !—Que lucrámos na mudança
Perigosa ? Os proconsules os mesmos
Peculadores ; servos os tribunos
E facciosos ; avara e perdularia
A questura, roubando o derradeiro
Sestercio ao povo, a última drachma ao Erario;
Os pretores vendendo em hasta pública
A justiça ;—emfim todo o mesmo vício,
A mesma corrupção,—mais desfaçada,
Mais clara so, mais despejada.—E é ésta,
É ésta a liberdade que nos déstes !
E são éstas, decemviros, as tábuas
Da promettida lei, que tanto tempo
Levaram a gravar !—Veio Apio-Claudio
Fazer chorar em Roma por Tarqüinio...
(*pausa*)
—— Se queres libertar-nos, corta rijo,
Corta pela raïz á tyrannia,
Cerceando por abusos, profundando
Nas fistulosas úlceras do Estado,
E levando c'o balsamo o cauterio
Ao mais solapado—onde a peçonha
Do arraïgado cancro tem nascença.
Depois o faxo da razão accende
Com mãos puras e limpas de interêsse...
Puras !—que em dextra sordida essa tea
É labareda sem clarão,—que abraza
Sem dar luz—queima e rapida devora
Antes que um so vislumbre rompa as trevas,
Que, em vez de dissipar, deixou mais crassas.
—— Com elle, co' esse faxo luminoso
A teus concidadãos mostra a vereda

Que ao alcaçar conduz da liberdade,
Não coroado de spolios sangüinosos
Mas puro todo e candido como ella.
Salva-os das convulsões, da crise horrivel
Que as populares commoções arrastram;
Moderação e paz reine em teus labios;
Generoso perdoa, austero pune,
Mas pelo orgam da lei, mas so com ella.
Os pendões hastear da Liberdade
Nas ameias da horrifica Discordia,
Grito amotinador alçar aos povos
Para os deixar no cahos da anarchia
Mutuamente e á porfia destruïr-se,
É querer lacerar o seio á patria
Sem jamais a salvar.

MANLIO.

Homem como este,
Ceo, creaste-o jamais? tu viste-o, mundo?

(Ouve-se vozeria e tumulto de soldados de fóra dos muros.)

MARCO-BRUTO.

(observa da porta)

Oh! que tumulto é este?—Numerosa
Legião—de peões e cavalleiros...
E de Cesar não são:—e nem Romanos
Tampouco.—Ah, são Numidas.—E Juba
Com elles. O traidor! Quê! pensa o barbaro
Susprehender-nos ja, e vem?...

(desembaïnhando a espada e voltando-se para os soldados)

Amigos,
A elles!—Não sois vós os veteranos
De Pompeu? Co' esses barbaros em terra.
E seja—se hade ser o derradeiro!
Um derradeiro feito de justiça,
—Castigar estes perfidos—o nosso.

MANLIO.

Quê! sahir-lh'ao encôntro—com tam poucos
Homens de lança—a unica defesa
D'estes muros desertos!—E elles tantos,
Os barbaros!—Não fôra mais prudente
Cerrar as portas e?...

CATÃO.

Detem-te, Marco.
(depois de observar o tropel dos Numidas, que vem approximando, volta da porta e prosegue:)
E contêm esses bravos companheiros
De honrada desgraça.—Abri mais amplas
As portas; retirae-vos a esse lado;
Deixae-me so c'os Numidas.

MANLIO.

Tu!—Nunca.
A ti é que elles buscam.

MARCO-BRUTO.

So com elles!
(aos soldados)
Não te obedeço.—Amigos, companheiros,
Defendamos Catão; morramos todos...

CATÃO.

(alçando a voz com severidade)
Soldados, eu govérno aïnda em Utica.
(Os soldados obedecem.)
Manlio, Bruto, ide—ide e pejae-vos
Do exemplo que vos deram.
(Retiram-se os dous para aopé dos soldados.— Catão prosegue com mais brandura:)
Filho, amigo,
Socegae: nem as barbaras cabildas
De Juba, nem as hostes ordenadas

De Julio teem podêr sôbre ésta vida.
Posso morrer aqui—não ás mãos d'elles.
(desembaïnha a espada; abre as portas de par em par, e fica so, no meio d'ellas.)

SCENA IV.

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, JUBA, SEMPRONIO, *soldados numidas, romanos etc.*

As legiões numidas param fóra das portas; Juba entra so com alguns soldados conduzindo Sempronio algemado.

CATÃO.

Que é isto, Juba?—a que voltaste?

MARCO-BRUTO.

Infames!

CATÃO.

Não respondes?—Sempronio em ferros! Falla,
Sempronio; explica-me este enigma. Voltas
Como um escravo a seu senhor:—escravos
São para Cesar; n'estes pobres muros
Não os ha.—Emmudeces?—E tu, principe,
Tu callado tambem? Falla, não temas:
Teus soldados ahi estão.

JUBA.

Os meus soldados
São auxiliares teus e da republica.

CATÃO.

(proseguindo sem o attender)
Não tens que receiar: não es Romano,

Nem deveres de patria te obrigavam
A seguir nossos fados. Tomar parte
Na sorte do infeliz é pêzo grave
Que a descontênto amigos vão levando,
Levando—até que emfim ja se não soffre:
Arrojá-lo quizeste: não te culpo.
Os vinculos de alliado te prendiam...
Mas de taes allianças que proveito
Havias de tirar? Desgraças, p'rigos,
Talvez a morte.—Vai, segue a ventura:
O ceo derrame sôbre ti mil bençams.

JUBA.

Bem a mereço, a exprobração amarga
D'essa azeda ironia.—Fiz-me abjecto,
Vil a meus proprios olhos. Desprezae-me,
(*pausa*)
Romanos; sou um barbaro.——Ah, não bate
Em vossos peitos coração mais puro
Que o do barbaro,—zêlo mais ardente
De liberdade não vos queima o sangue!
(*pausa*)
Mas qui'-lo o fado assim.——Cuidei aomenos,
O' Catão, que argüir-me te dignasses!
Esperava castigo de meu êrro,
E encóntro oppróbrio so.—O teu desprêzo,
O teu desprêzo...não, não o mereço.
Juba foi cego, louco, arrebatado;
Foi desobediente a teus preceitos;
É criminoso, mas traidor não.—Ouve,
Ouve-me por piedade, e depois julga.

CATÃO.

Falla, principe: ouvir-te é dever nosso.
Julgar-te! Quem, aqui?—Ja houve tempo
Em que Roma julgava os reis da terra.

Juba.

Oh, oiça-me Catão, julgue-me;—e absolva-me
Se podér,—que eu não quero outra sentença.
(*pausa consideravel*)
Sempronio, tu es senador romano;
Eu um chefe de Numidas selvagens.
Teu testimunho invoco, e me contento
So com elle.—Fui eu traidor a Roma?
Desmereci do titulo prezado
De amigo de Catão?—Tu não respondes,
E surris! Proprio é o riso: mofa e ecarneo
Mereço eu—e de ti...com mais justiça.
(*appontando para Sempronio*)
Catão, esse...esse perfido enganou-me:
Meu natural singelo e poucos annos
Cahiram facil no enredado laço
Que de vagar e ha muito anda tecendo.
Persuadiu-me—e algum numen inimigo
Me fascinava então!—que a salvar Roma
Me fadavam os ceos, e a punir Cesar;
Que em Utica tramava poderosa
Conjuração occulta, que ésta noite
Ao dictador as portas abriria,
E vivo em suas mãos ia entregar-te
Para que seu triümpho lhe adornasses:
Estremeci de horror, perdi detodo
A razão; ajudou-o o meu enleio:
Tudo obteve de mim. Na hora apprazada
(Na hora que apprazada elle dizia)
Pelos conspiradores, manso deixo
A porta do occidente, que eu guardava
Co's meus Numidas.—Saio; e mal um tiro
De setta me affastára das muralhas,
Conheço, mas ja tarde, a vil perfidia.
Da porta, que eu deixára quasi inerme,
Seus socios na traição rompem,—e as hostes

De Cesar, que embuscadas o aguardavam,
Se juntam co' elles. Desmaiei de cholera,
De vergonha e despeito. Mas foi prompta
Minha resolução. Sem lhes dar tempo
A mais, invisto c'o podêr immenso
Do inimigo. Allarma brado; e allarma
Me respondem dos muros. Commandadas
—Não conheci por quem, fieis cohortes
Sahem a sustentar-me. Trava, ás cegas,
Pela treva o conflicto: ambos á uma
De oppostos lados, Numida e Romano,
Démos sôbre o traidor e sòbre as hostes
Do tyranno de Roma,—que engodadas
Das promessas do indigno, mal cuidavam
Encontrar tam porfiada resistencia,
Tanto contrário, aonde sem peleja
Contavam co'a victoria. Rechassadas
Foram completamente. Ia d'involta
Na fuga o scelerado:—descubri-o,
Corri sôbre elle;—e fomos longo espaço
No arriscado empenho os cavalleiros
Todos: porêm valia a pena e o p'rigo,
Valia tudo!—Segurei-o eu proprio
Co' éstas mãos,—fiz lançar-lhe essas algemas,
E salvei para os golpes dos lictores
A torpe vida, que anhellavam todos
Arrancar-lhe á porfia...Ah, nem tu sabes,
Não—nem tu sabes inda quantos crimes
Tens que lavar no sangue do malvado!
Porcio...

CATÃO.

(*interrompendo-o*)
Meu filho?...

JUBA.

Assassinou-o o infame.

CATÃO.

Respiro, oh ceos! traidor não foi meu filho.

MARCO-BRUTO.

Covarde, e como tanto ousou teu braço
Fraco?—tam fraco e vil como a tua alma.

JUBA.

Ousar!—Foi á traição.

MARCO-BRUTO.

Monstro!

MANLIO.

Oh, ei-lo,
Ei-lo ahi, moribundo o vem trazendo.
Que miseranda vista—Oh, que spectaculo
Para os olhos d'um pae!

Porcio deitado em umas andas formadas de escudos e lanças, aos hombros de soldados numidas, e guardado por consideravel número de cavalleiros numidas, vem lentamente approximando da porta da cidade; passa por entre as legiões de Juba, que lhe abrem alas. Ouvem-se gemidos, e o lamentar discorde de Romanos e Numidas, e do povo que vai acodindo.

SCENA V.

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, SEMPRONIO, JUBA, PORCIO, *etc.*

CATÃO.

(*indo ao encóntro do filho*)
Vem, vem, meu filho,
Nos braços de teu pae morrer com honra.
Ve dos olhos paternos, ve correr-me
Éstas lagrymas—doces, não de pena,
Meu Porcio, não de dor, mas de saudade.
(*abraçando-se com elle*)
Morres homem, meu filho, e morres livre.
Oh, não te pêze de deixar a vida.
Que te fica na terra?—que perdeste?

Um mundo indigno, baldo de virtudes,
Farto de crimes—solidões juncadas
De mortos, moribundos—e assassinos.

PORCIO.

E—o pae...que eu deixo...—Adeus!
(põe os olhos no pae e expira.)

CATÃO.

Morre, meu Porcio,
Que vives para glória! Oh caro filho,
Sobe, alma venturosa, á eternidade!
(Inclina-se sôbre o cadaver, o fica algum tempo com a face escondida, soluçando baixo e como quem se comprime.—Longo silencio.—Levanta-se, e prosegue:)
Meus amigos, chorei: não me envergonho
(enchugando o rosto)
De ser homem.—Está pago o tributo
A' natureza.—Agora Roma.
(dá alguns passos, e encara outra vez com o cadaver)
Filho!
Meu filho, tu não hasde ve-la escrava!
Deram-te abençoada morte os deuses.
(pausa breve)
Tu choras, Marco—e tu, Manlio—e vós todos,
Amigos? Eu sou pae, e ja não chóro.
Animo! vinde, approximae-vos d'elle;
Contemos as feridas gloriosas
D'este cadaver. Nunca tam formoso
Me pareceste, meu querido Porcio...
(beja-o uma e muitas vezes)
Bejo ésta face pallida, ésta fronte
Empastada de sangue, e éstas mãos hirtas...
Ah, que!...
(fica algum tempo abraçado com o cadaver, e em silencio)
—Levae-o amigos.

MARCO-BRUTO.

Não; detende-vos:

Não hade ir a jazigo deshonrado
O corpo do heroe. Aqui o sangue
Do matador queremos. Pede-o Roma,
Pedimo'-lo nós todos, e é devido
A seus manes. Soldados, companheiros,
Dizei-o: soffrereis tammanha injúria ?

POVO E SOLDADOS.

Morra, morra o traidor.

CATÃO.

(com severidade aos soldados e povo)
Basta.
(depois de longa pausa, volta-se para Sempronio)
Sempronio,
Eu ja fui pae—e sou Romano aïnda.
Ves aquelle cadaver ?—é meu filho:
Tu m'o robaste...—Com algoz perfidia
Machinaste o exicio da republica;
E co'as mãos parricidas—impio !—foste
A' garganta da patria moribunda
Para affogar-lhe o derradeiro alento.
—Todos quantos ahi ves pedem tua morte;
Pedem teu sangue as leis e a natureza.
Mas eu posso perdoar...Roma não deve.
Malvado treme: a espada da justiça
Sôbre tua cabeça está pendente.
(volta-se para os soldados)
Dos crimes ao maior, pena a mais crua,
Nós a devêmos, filhos de Qüirino.
Morra: sim, morra para sempre o perfido.
Tirae-lhe esses grilhões, abri-lhe as portas.
Pésa-lhe a liberdade ? aos ferros corra:
Para Roma expirou,—com Cesar viva.

MANLIO.

Oh virtude !

JUBA.

Oh sentença de Romano!

SEMPRONIO.

Triümphaste de mim: essa grandeza
Inda é maior que o odio que te eu tenho.
(*Soltam-n'o os lictores, e o poem fóra das portas.*)

SCENA VI.

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, *soldados, etc.*

MANLIO.

Mas duvido que possas impedir-lhe,
Que o furor dos soldados...

CATÃO.

Um Romano
Em sangue tal não enxovalha a espada.
Lictores, de Sempronio o vil castigo
Annunciae ás cohortes; e intimae-lhe
Que é não ser cidadão, frustrar-lhe a pena.

MARCO-BRUTO.

Oh meu pae! a teus pés deixa prostrar-me;
Deixa adorar em ti...

CATÃO.

Ergue-te, filho:
Eu fiz o meu dever; não te accostumes
A admirar com espanto uma acção boa.
Faze hábito da honra e da virtude;
E so te admirarás de ver um crime.
Sahem todos accompanhando o cadaver de Porcio.

FIM DO ACTO QUARTO.

ACTO QUINTO.

Galeria aberta, com columnas. Os intervallos do peristylio são tomados com cortinas corrediças.—Vese perto o mar e algumas naus romanas.—De outro lado, parte das muralhas da cidade.—Vem amanhecendo.

SCENA I.

CATÃO, *libertos.*

Os libertos estão em distancia, no fundo da scena. Catão apparece sentado e lendo. Sôbre o abaco, em que descança o livro, alguns rolos de pergaminho e uma espada nua.—Depois de ler algum tempo, fecha o livro; pega na espada, examina lhe o gume e a ponta, e torna a poisá-la sôbre o abaco.

CATÃO.

(*reparando nos libertos*)
Aïnda não é tempo.—Oh!...Ide a Manlio,
E chamae-m'o aqui logo.—Ide vós todos.

SCENA II.

CATÃO. *so.*

(*torna a pegar no livro*)
Consolaste-me, Socrates:—não morre
Com este corpo o espirito que o anima.
Ja me não prendem dúvidas; fujamos

Do vil carcere : a morte so é termo
Da vida,—da existencia não...No íntimo
D'alma o pôs Deus, o sentimento vivo
Da eternidade. Este viver contínuo
D'esp'ranças, este anciar pelo futuro,
Este horror da anniqüilação,—e o vago
Desejo de outra vida mais ditosa,
O que são ?—Indistinctas, mas seguras,
Reminiscencias de perdida patria,
E saüdades de voltar a ella.
(levanta-se)
Ver-te-hei, mansão dos justos !...—O sepulcro
Não é jazigo, é estrada.—Convenceste
A minha alma, Platão : Heide encostar-me
Tranqüillo e repousado no atahude,
Como viajante reclinado á poppa
Da galé que em bonança vai cingrando
Com brandos ventos para o porto amigo.
(senta-se, le breve espaço, e torna a levantar-se)
Inda me resta que fazer na terra :
Deveres sacratissimos, restrictas
Obrigações.—Fiel e honrado é Manlio :
Vou confiar-lhe tudo.—Oh, ei-lo chega.

SCENA III.

CATÃO, MANLIO.

CATÃO.

Manlio, ouve-me attento. A tua dextra
Em pinhor do segredo.

MANLIO.

Ei-la.

CATÃO.

Romanas
São aïnda éstas mãos: não, meu amigo?

MANLIO.

E duvída-o, Catão?

CATÃO.

Não, não duvída.

MANLIO.

Pois bem: falla; eu te escuto.

CATÃO.

(depois de breve pausa, chegando-se para aopé da galeria)

Que formoso
Vem arraiando o alvor tenue do dia!
Ves, Manlio?—Como é bello este universo!
Quanto mais bella não será a etherea
Região que de tam longe reverbera
Toda essa formosura!—Observa, amigo,
Aquella estrella pallida: é a última
Que ficou no luctar da luz co'as trevas
Do incerto crepusculo. Chega-lhe a hora
Em fim,—morre...Mas ámanhan c'roada
A verás de luz nova e mais brilhante
No firmamento azul. Não heide eu ve-la;
D'este lado da campa, aomenos...

MANLIO.

Como!
Não te percebo. Quê?—tu...

CATÃO.

Descançado
Serei ja a essa hora no jazigo.

MANLIO.

Tu!

CATÃO.

Sim.

MANLIO.

Pois quê! perdeste ja detodo
Aquellas esperanças?

CATÃO.

Não: nem perco.
Ves ésta espada? N'ella so as tinha:
Não me serviu a libertar a patria,
Serve para morrer.

MANLIO.

Tu!—Com tal crime
Hasde manchar tua glória!

CATÃO.

E julgas, Manlio,
Julgas tu crime o subtrahir-se a crimes?

MANLIO.

Mas quaes são esses crimes que pretendes
Evitar com tua morte? Hade ella, amigo,
Póde ella impedir que se perpetrem?
Foi tempo—ja la vai—em que o cadaver
D'um cidadão romano, gottejando
Sangue no fóro, incendiava as turbas;
E era como um vexillo formidavel
D'emtôrno ao qual suas férvidas phalanges
A Pública-vindicta arrebanhava.
Mas hoje!...o callo da cerviz passou-lhes
Ao coração: nem ha...

Catão.

Sôbre esses crimes
So me resta gemer: assás contra elles
Luctei debalde.

Manlio.

Então...

Catão.

Co'a minha morte
So este coração, so a minha alma
Quero salvar do crime.

Manlio.

Heroïsmo é glória
Em ânimo vulgar sería o feito:
Mas em Catão!—Não é maior virtude
Padecer resignado, soffrer quedo,
Contente—a teus Estoïcos appéllo—
Éstas arduas provanças da virtude
A que Deus nos votou? São crime os ferros,
Dizes tu; mas de quem? Serão do escravo!
Se Deus Optimo Maximo o permitte,
O homem fraco...

Catão.

Não faças tam pequeno
Nem tanto abatas o homem. Pouco vale
Se escravo das paixões fraco se deixa
Ir ao sabor das ondas do destino.
Mas o homem que é digno de ser homem,
O varão forte, que o revez encara
D'avessos fados, que lhe appara os golpes
No adamantino escudo da virtude,
Que, arca por arca, lucta c'o infortunio
E consegue aterrá-lo—oh, esse é grande,
Esse não teme, desafia a sorte.

C'o pavez da innocencia accobertado,
Firme no pedestal da fortaleza,
Caia o ceo, abra a terra, immovel fica;
O universo vacilla, e elle não treme;
Desaba o mundo,—e impavido o contempla,
Sem medo á quéda, reverter-se ao cahos.
Porcerto não é crime ser escravo,
So desventura grande; mas, podendo
Espedaçar os ferros vergonhosos,
Não o fazer é vil baixeza torpe,
É covardia,—— e a covardia é crime.
A natureza, que nos deu a vida...
A natureza, Deus Optimo Maximo
Deu-nos co'a vida essenciaes direitos,
Inalienaveis, que são parte d'ella;
Deveres nos impôs strictos, sagrados,
Condicções da mercê. Quem perde aquelles,
Posterga est'outros, e so préza e guarda
O dom da vida—— a natureza offende,
E ultraja o Creador.

MANLIO.

E póde o homem
Com sua falha razão, accertar justo
N'esse termo?... E se errar?— Porque não hade
O mesmo Sôpro Eterno que dá vida,
Distribuïr a morte?

CATÃO.

E eu morro, amigo,
Quando a minha alma eterna assim liberto
Dos vinculos do corpo? Se ésta essencia
Que da vida ás funcções em nós preside,
Porção da Divindade, é pura essencia
De espirito immortal, não obro crime,
Não renuncio á dadiva celeste

Se a livro de baldões, e denodado
De oppróbrio indigno a salvo. E se, ao contrário,
Combinação fortuïta do acaso
Me formou a materia; se a minha alma
Morredoura e mortal como o meu corpo...

Manlio.

Aïnda então...—E essa doutrina abjuro...

Catão.

Abjuro-a eu tambem. Abhorrecido
Seja dos homens, e de Deus malditto
O impio que a propagar; morra (e castigo
Lhe não quero maior!) crendo o que ensina.

Manlio.

Bem sei que taes principios abominas.
—Mas inda então, e se tal fosse a triste,
Cruel realidade, outros motivos
Deveriam prender Catão.

Catão.

Quaes, Manlio?

Manlio.

A patria.

Catão.

A patria—e agora!

Manlio.

Sim.—Perdoa
O sincero fallar, amigo, a um velho:
Quanto es, bem sei, por ella te has votado;
Catão so com sua espada e com seu nome
Defendeu a republica, e de Roma
Protegeu a orphandade quando todos
Vil!—a desempararam os seus filhos!

Mas agora n'o extrêmo, n'este afflicto,
Appertado momento da agonia,
Na hora do passamento é que a abandonas?

SCENA IV.

CATÃO, MANLIO, JUBA.

JUBA.

Catão, ao porto, ao porto! O vento serve,
Estão prestes as naus. Bruto me manda
Dizer-te que não tardes. As cohortes
De Cesar assaltaram derepente,
E por todos os lados nos investem.
As muralhas esbroam-se a pedaços
Sob os golpes do ariete incessante:
Raros sôbre ellas, a um e um, se contam
Da liberdade os tristes defensores:
Mas com elles é Bruto; disputadas
Hãode ser as ruïnas palmo a palmo.
No entanto, ao porto! Bruto assim t'o roga:
Nos muros basta elle:—e defender-nos
Muito tempo, é impossivel.

CATÃO.

Bem: a hora
Chega emfim.—E os velhos senadores,
E o povo?

JUBA.

Esse tropel de gente inerme
Andam como alienados pelas ruas
Bradando, lamentando;—outros furiosos
Sobem aos muros de impeto, e se arrojam,
A perecer, nas lanças inimigas.
Recresce a confusão com o alarido

Das mulheres que vão de templo a templo
Huivando espavoridas, desgrenhadas.
Velhos, crianças—miseranda vista!
As seguem com tristissimos gemidos;
E c'os nomes dos deuses, de mistura,
O teu invocam: por ti choram, clamam,
E ullulando "Catão" desatinados
Vagam áquem, alêm.—Escuta: ahi correm
Para este lado. Ouve-los?—Receio
Que se atrevam talvez...Ha sediciosos
Entre elles: e é prudente...

(tira a espada e chega-se para as columnas: Manlio faz o mesmo.)

CATÃO.

Juba, Manlio,
Que pretendeis? Deixae para o tyranno
O acutillar o povo: o officio é d'elle,
Que lhe tem medo; eu não.

SCENA V.

CATÃO, MANLIO, JUBA, POVO.

Povo.

(de fóra)

Catão, acode,
Catão, acode ao povo!

CATÃO.

(corre as cortinas do peristylio; e apparece a praia coberta de povo, o qual vem subindo a escadaria quasi até o nivel da scena:—Catão dirige-se a elles:)

Meus amigos,
Que quereis? Aqui estou. Quereis meu sangue?
Tomae-o.

Povo.

Não, não, não!

Um do Povo.

Pereça o ingrato
Que de seu sangue té á última gotta
Por ti não der!

Povo.

Pereça!

Catão.

Povo de Utica,
Romanos—que vois sois Romanos aïnda,
Que pretendeis? As legiões de Cesar
Estão ja sôbre nós. Esse alvorôto,
Esse acclamar o nome d'um proscripto
Moverá sua cholera tremenda
Contra vós. Ide em paz, amigos, ide.
Meu coração trasborda agradecido
Co'esse applauso sincero e não suspeito...
Mas, Uticenses—não deis pasto ás íras
De Cesar: sua causa vencedora
Achou graça ante os numes. Ide, oh, ide;
E guardae d'este impeto primeiro
Os filhos, as esposas. Não façamos
Mais victimas. Escape ao sacrificio
Algum siquer de quantos se atreveram
A ser amigos de Catão...

(*gemidos e chóro geral entre o povo.*)

Um do Povo.

Quem hade
Desemparar o bemfeitor, o amigo,
O pae do povo, o protector invicto,
A nossa última esp'rança?

POVO.

Ninguem.—Morra
Quem o desemparar.

CATÃO.

Basta, meus filhos...
(para Manlio)
Eu não posso deixar de enternecer-me
Com tanta devoção, Manlio,—e n'ésta hora!
(para o povo)
Basta, que me rasgais os seios d'alma.
Não as ouvis cahir, essas muralhas
De vossa forte patria. Raza em terra
Co's areaes será Utica em breve...
Olhae! não vêdes como véem com ellas
Alanceados, partidos a pedaços,
A suverter-se no montão das ruïnas
Os poucos derradeiros defensores
Que nos restavam? Oh, tende piedade
De vós, de vós!

UM VELHO.

A nossa vida é nada:
Somos velhos inuteis.

UMA MULHER.

E mulheres,
Que não podêmos defender a patria,
A liberdade.

UM VELHO.

Mas queremos todos
Morrer por seu magnanimo caudilho.

POVO.

Queremos!—por Catão!—morrer!

CATÃO.

Oh Cesar,

Assim não triümphaste nunca!—Amigos,
É forçoso; curvemo'-nos ao fado.
Fizemos quanto humano esfôrço dava;
Mais não podêmos, que é tentar os deuses.
Concidadãos, não tenho mais que dar-vos:
Conselhos so;—ouvi-os, attendei-os.
Pae me chamastes?—Escutae a estrema
Vontade, o último rôgo e mandamento
De um pae. E promettei-m'o aqui n'ésta hora
Solemne,—n'este instante derradeiro,
Da despedida—promettei cumpri-la:
Jurae-m'o, filhos!

POVO.

Sim, jurâmos.

CATÃO.

Ide;
Obedecei á vos agonizante
De Roma, que vos falla por meus labios.
Salvae-vos! Ahi estão naus apparelhadas
Para quantos não ousam confiar-se
Na clemencia de Cesar.—A clemencia
De Cesar!—A seus lares socegados
Voltem os outros. Ide; foge o tempo:
Adeus!

UM DO POVO.

Vem tu comnosco, e iremos todos
Contentes inda alêm das portas d'Hercules.

POVO.

Vem, vem comnosco, pae!

UM DO POVO.

Sos onde iremos?
Sos, sem Catão, não vamos.

POVO.

Não ! não vamos.

(grande rumor entre o povo.)

CATÃO.

(a grandes brados.)

Perjuros ! renuncio ao vosso affecto.
Desobedientes, vosso amor fingido
Lanço de mim; e impreco os sanctos deuses
Que sôbre vós...

POVO

Catão, não nos maldigas:

Obedecêmos ja.

(Começa a dispersar-se o povo.)

CATÃO.

Filhos de Roma,
Não meus,—filhos de Roma, e dignos d'ella,
Proteja-vos o Deus que a desempara
Por nossos crimes—e a vós vos salve,
Que innocentes sois d'elles.

(Vai-se retirando o povo, parte para as naus, parte para o interior da cidade.)

SCENA VI.

CATÃO, MANLIO, JUBA.

CATÃO.

Vai, meu principe,
Com a tua presença—que eu não posso;
Commoveu-me demais este spectaculo !
Pôr ordem n'esse embarque. Reservada
Das triremes fique uma: é para Manlio,
Para ti,—para aquelles que podérmos
Escapar.

JUBA.

Mas...

CATÃO.

Quê ?

JUBA.

Oiço a cada instante
Redobrar o conflicto...E eu longe d'elle !
Que dirá de mim Numida e Romano ?
—D'aqui...oh, d'aqui vejo Marco-Bruto
So, impavido, e firme como o Atlante,
Em pé sôbre um accervo de ruïnas,
De pedras—cimentadas com cadaveres
E sangue !—d'aqui lhe oiço a voz ingente
A Romanos e a Numidas bradando,
Dando ordens; e co'a intrepida firmeza
D'aquella alma, so menor que a tua,
Sustentando, contendo o marte adverso...
—E a mim de tanto p'rigo e tanta glória
Não me hade caber nada !

CATÃO.

Nobre Juba,
O louro dos heroes custa mais sangue
E lagrymas, do que águas leva o Tibre,
A cujas ribas cresce a fatal rama.
É mais bella, mais pura, e digna do homem
A do carvalho civico. Vai, Juba :
Salva esses cidadãos. Eu tambem tenho
Amor á minha glória ; e aqui estou.—Quanto
Póde inda Bruto sustentar-se ?

JUBA.

Uma hora
Breve, escassa...
(*olha da galeria*)
Nem tanto porventura !
Oh, Catão, approveita-a, que...

CATÃO.

Não tarda
A minha hora; mas não veio aïnda.
—Vai onde te pedi: vai; não descanço
Emquanto éstas galés não desafferram.

SCENA VII.

CATÃO, MANLIO.

CATÃO.

Manlio, em que pensas tam profundo?

MANLIO.

Penso
Na desgraça de Roma,—que de todos
Abandonada, nem Catão lhe acode.

CATÃO.

Outra vez t'o repitto: meu amigo,
Eu—que posso eu j'agora?

MANLIO.

Podes muito.
Teu nome e auctoridade é respeitado
Do dictador. Pódes tentar aomenos
Um derradeiro esfôrço apró de Roma:
Talves aïnda stipular com Cesar...

CATÃO.

Com Cesar stipular! Entrar em pactos
Com o forte não póde o fraco: estala,
Antes de dado, o laço da alliança,
Da convenção, do nome que mais queiras
A taes convenios dar.—Amigo, é baldo,
É louco esperar nada mais de Roma.
Eu resisti por honra, por estricto

Civico pundonor,—não que esperasse
Fructo da resistencia: fructo, digo,
Para o colhermos nós; que a resistencia
Do povo a seus tyrannos e oppressores,
Nunca é van, não se perde. Mallograda
A vemos hoje: e o coração fallece
A quem ve tanto sangue derramado,
Tanto infeliz, tanta miseria—e tudo
Em vão...—Mas não foi vão!—Virá um dia...
Quando, não sei; a Sempiterna Essencia
Em tábuas de diamante o tem marcado:
Virá um dia...—Mas é longe aïnda
Esse dia de nós.—Ai! quantas vezes
O temos ditto ambos! Inda agora
M'o repettiste, Manlio: Roma é serva
No coração, tem alma escrava ha muito;
Precisa de tyranno. Catilina,
Sylla, Mario cahiram de pouca arte,
De pouco expertos no mester difficil
De dourar os grilhões: foram lançar-lh'os
Rudos, negros ao collo inda lembrado
De antigas uffanias. Julio é outro:
Sobeja-lhe arte para ser tyranno
De sua patria decrepita.—Não mata
Algoz que é so cruel, a liberdade:
O sangue não a affoga; reverdece
No martyrio.—Senhor, como esse, fôra
Uma benção do ceo sôbre a republica
Emquanto ella tem fôrças para a cura,
Que, j'agora, so póde dar-lhe o ferro
D'um tyranno—que rasga, dilacera,
Estimula, espedaça,—mas ás vezes,
Como a espada de Achilles fabulada,
Sara o que fere.—Porêm Cesar!...Cesar
É tyranno mais dobre, mais astuto.
Esse é traidor algoz: não mata a ferro;
E so vai propinando lentamente

Venenos encubertos, disfarçados,
Que, sem travar nos labios, levam morte
Ao coração,—e o derradeiro affogam
Desejo, idea, imagem da proscripta
Liberdade...

(*silencio longo*)

Oh!—Ja vão sahindo o porto,
Ja largaram as naus. Respiro: um pêso
Ferreo se me tirou de sôbre o peito.
Estão salvos, e eu livre!—Meu amigo,
Tu vais com elles.

MANLIO.

Eu!

CATÃO.

Sim; tu, meu Manlio.
E Juba vai comtigo.—E Marco-Bruto
Irá tambem: vou-lhe mandar que cesse
O combate, e que as portas abra a Cesar.

MANLIO.

Bruto não cede assim, nem te abandona.
E eu devo fazê-lo?

CATÃO.

Deves.—Marco
Hade tambem obedecer-me. Ardente,
Arrebatado é o joven; mas sincero,
Probo, leal.—Perdoa-lhe, eu te rógo,
Perdoa-lhe, ama-o pelo amor antigo
De Catão, que t'o pede.—Bruto e Juba,
Ambos são filhos que adoptou minha alma,
E ora t'os lego, amigo.—Vai com elles
E esses poucos fieis que inda restarem,
Buscar asylo, ou seja na Numidia,
Ou alêm nas indomitas Hespanhas,

Ou onde quer que amigos vos acoitem
Das proscripções de Cesar.

MANLIO.

E tu proprio
Porque não vens comnosco? O' meu amigo,
O povo com justiça t'o pedia:
Vamos co'éstas reliquias d'outra Cannas,
Vamos a demandar novo Cannusio,
Donde talvez, comtigo, inda possamos
Volver a conquistar o Capitolio,
E resgatar a patria.—Das Hespanhas
Inda não-subjugadas, nos convida
O filho de Pompeu, que entre esses povos
Fortes legiões instruë, e co'ellas jura
Vingar o pae...Surris?—Talvez de incredulo.
Mais illustres proscriptos (não é elle
O primeiro) ahi acharam gazalhado,
Defensores e patria...—e patria, amigo,
Menos ingrata do que a nossa Roma.
E porque não iremos nós entre elles
Procurar as fortunas de Sertorio
La no extremo Occidente, n'esses montes
Ferozes de sua ingenua liberdade?
Depararemos porventura aïnda
Com algum Viriato que esquecido
Não tenha o amor da independencia antiga.
Deante d'esses feros Lusitanos,
D'esse nobre, indomado povo duro,
Ja muita vez tremeram de assustadas
Aguias romanas, e...—Tu ris!

CATÃO.

Sim, rio,
Manlio, e de ouvir-te. O cego enthusiasmo
De Bruto não se inflamma, não centelha
Com mais viva eloqüencia, nem lhe rompe

Com tanta convicção do íntimo peito.
Que seductora é a amizade Manlio!
Tu, cuja razão clara e exp'rimentada
Ri das vans esperanças de mancebos,
Fez-te mais cego que elles a cegueira
Do amor que me tens. Não me quizeste
Enganar, bem o sei, não: o enganado
Foi o teu coração.—Meu caro Manlio,
De illusões basta ja: eu nada espero
(Nem o esperas tu; bem o conheço)
Do mancebo Pompeu, ou de suas armas.
Esses barbaros sim—mas será tarde—
Os barbaros, que tanto desprezámos,
De quem nós, de quem Gregos, nossos mestres
Mofaram tanto—esses hão de aïnda
Os altares erguer da liberdade,
Que nós, impios, sacrilegos prostrámos.
Elles accenderão seu fogo sancto
Para allumiar, purificar a terra.
Diz-m'o no peito um Deus: n'essa eperança
Morro:—essa esperança me consola
No desamparo de morrer sem patria...
(*Fica algum tempo em silencio e meditabundo.—Levanta-se e prosegue:*)
Oh! minha morte não sera inutil!
Um dia inda virá que este meu sangue
Hoje aqui derramado em sacrificio
A' Liberdade sancta—reverdeça
D'ante os olhos da oppressa humanidade,
E alce clamor com que tyrannos tremam,
E acordem povos...
(*Depois de longa pausa, vem a Manlio, e appertando-lhe a mão:*)
Manlio, meu amigo,
Baste este adeus. Não mais: sejamos homens.
Adeus!—Parte, que é tarde.—Adeus!

MANLIO.

E é fôrça,
É fôrça...que este seja o derradeiro !
(*Abraçam-se.—Manlio retira-se lentamente.*)
Obedeço-te.

CATÃO.

Vai !—Oh, ver-nos-hemos
N'outra patria mais bella e mais ditosa...

SCENA VIII.

CATÃO *so.*

Quebrou mais este laço. Foi violento
O golpe...E ha inda aonde fira um golpe
No coração que todo é chaga viva...
Antes callosa úlcera insensivel ?
Oh, van philosophia !
(*pausa longa.*)
É morta Roma !
É morta Roma—e eu sou vivo aïnda !
Começa a envergonhar-me ésta fraqueza.
Morrer !—Mas eu receio acaso a morte ?
Não porcerto ; não vejo na minha alma
Nem a menor saudade da existencia.
Sinto no peito o coração tranqüillo ;
Pelas veias o sangue vai pausado...

SCENA IX.

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA.

MARCO-BRUTO.

Meu pae, estamos sos alfim...Não resta

Mais um Romano em Utica. Os escravos
Do tyranno innundaram a cidade.
Apenas ésta casa se defende
Com um resto de Numidas.

CATÃO.

E o passo
Que occulto leva ao porto e ás naus,—seguro
E livre é inda ?

JUBA.

Sim ; e guarnecido
Com cem frexeiros meus : o passo é estreito,
Facil de defender ; nem o descobrem
Tam cedo.

CATÃO.

Bem está.—Ide, meus filhos ;
Ide, que Manlio so por vós espera
Para levantar ânchora. Adeus !—Marco,
Respeita o honrado ancião.—Juba..estremeces?
Medo não é.—Tu coras, Marco, e enfias
Ao mesmo tempo ?—Filhos !...

(*Deitam-se ambos aos pés de Catão e o abraçam.*)

JUBA.

Tremo, e é medo
De te deixar, meu pae !

MARCO-BRUTO.

Pae, não te deixo.
Não eu ! Maldize embora o filho.

CATÃO.

Filho!
Es cruel com teu pae.

MARCO-BRUTO.

Impio me chama :

Não parto.—Fugir eu, salvar a vida
E abandonar Catão! Tal se não hade
Dizer de Marco-Bruto. Se forçosa,
Se a Roma necessaria é ésta fuga,
Dá-nos o exemplo tu: vem.

CATÃO.

Mui diff'rentes
São os nossos deveres: Bruto deve
Para a patria viver; mancebo é inda;
Talvez um dia—poderá servi-la:
Catão velho, cançado, e a Roma inutil,
So lhe resta morrer.

JUBA.

Morrer!

CATÃO.

Sim.

MARCO-BRUTO.

(*levantando se*)

Morre:
Mas eu não vivo.

CATÃO.

Vives, que eu t'o ordeno,
Que o manda Roma.

MARCO-BRUTO.

Roma!—Que o decretem
Os soberanos deuses. Bruto deve
Onde expirar Catão, morrer com elle.

CATÃO.

Meu filho! Ha poucas horas inda eu tinha
Outro filho...Levou-m'o a patria. Embora.
Cahiu n'ésta hecatombe derradeira...
Fiquei eu so das victimas marcadas!

—Mas tu, tu es tambem meu filho;—filho
Da minha escolha, mais querido aïnda,
Que orpham te pôs o crime em meu regaço.

MARCO-BRUTO.

E eu heide abandonar-te nas mãos d'elle!

JUBA.

Abandoná-lo! Aqui morrêmos ambos
Comtigo: e mais gloriosa morte...

CATÃO.

Juba,
Tuas obrigações são mais restrictas
Que as d'elle aïnda. Onde o podêr supremo
Se tolera n'um so,—todo lhe incumbe,
É responsavel pelo encargo inteiro
Da republica. Deves-te a ella, principe;
Não es teu ja.

MARCO-BRUTO.

Meu pae, os teus preceitos
Foram, como os decretos soberanos
Dos deuses, para mim sempre. Mas hoje,
Não te obedeço. Eu d'aqui não saio.

JUBA.

Nem eu.

(*Silencio consideravel. Catão medita algum tempo.*)

CATÃO.

Ficae embora: mas jurae-me
De conservar a vida.

JUBA.

Juro.

MARCO-BRUTO.

Juro
Se...—Jurarei—se...Ah! Mas tu...

CATÃO.

(tomando-o pela mão)

Meu filho,
Marco-Bruto, meu filho...Oh, que este nome
É de todos os nomes o mais doce!
Pela vez derradeira um pae te falla,
E tu não hade ouvir as vozes d'elle!
Minha extrêma vontade, hade o meu filho
Desprezar de seu pae! O último rôgo
Ja feito sôbre a margem do sepulcro,
Hasde esquecê-lo tu? Catão supplica,
Pede Catão, e Bruto não o attende!
Meu filho, vem, recebe no teu peito
O longo, o saüdoso adeus da campa,
Que so vai terminar na eternidade...

(abraçando-o)

—Este abraço de morte inda é romano,
Éstas mãos que te appertam não tem ferros!
Meu filho, adeus! Sê virtuoso sempre.
Não pôdes ser Romano,—mas sê homem.
Roma acabou-se,—resta-te a virtude.
Ja não tens patria,—mas tens honra aïnda.
Vai—apenas o estado mais tranqüillo
Das coisas o permita, repousar-te
Nas avitas Sabinas: deixa o mundo
A Cesar, e tu vive socegado
Cultivando o teu campo. Glorioso
É aquelle terrão, que tantas vezes
O gran' Censor co'as proprias mãos lavrava.
Dou-t'o em dote da filha a quem mais quero,
A minha Porcia: pela antiga usança
Da boa e velha Roma foi criada;
Ama-a, que o vale. Eu t'a colloco e entrego
Digna esposa de Bruto.—E adeus, meus filhos.

(abraçam-se todos tres)

Recordae-vos de um pae que vos amava,

Para chorá-lo, não, que morreu livre;
Mas para vos lembrar de seus conselhos,
Para segui-los sempre. Adeus!
(Vai a tomar a espada de sôbre o abaco, e não a acha:)
Traidores!
Que fizestes! Quereis ir entregar-me
Escravo, servo com as mãos atadas,
Aos algozes de Cesar, ou á infamia
Peior, maior, de seu perdão? Ingratos,
Vós meus filhos não sois: eu vos abjuro,
Vos renego.

SCENA X.

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA, MANLIO.

MANLIO.

(trazendo a espada embrulhada na toga)
Fui eu, fui eu: perdoa-me;
Não pude resistir...Cuidei...—Occulto
(appontando para uma porta interior)
Vigiava d'alli...
Mas ja é tarde.
Meu amigo, estão ja n'esse atrio...Foge,
Foge, ou...

CATÃO.

Fugir eu! Dá-me essa espada.
(Manlio recua: Catão alça a voz tremendamente:)
Dá-m'a!
(Manlio entrega a espada.)
Oh Roma, oh Roma! Oh minha patria,
(fere-se)
Ja não ha mais que a vida—ei-la: recebe-a:
Vamos, aomenos, junctos ao sepulcro...
(cai:—tomam-o nos braços.)

MARCO-BRUTO.

Meu pae !...

JUBA.

Venceste, Cesar, o universo :
Não venceste Catão. Dae-lhe ésta glória,
Iniquos deuses !

MANLIO.

Expiraste, o' Roma !

CATÃO.

Amigos, estes ultimos instantes,
Não m'os façais amargos. Por piedade...
Essa dor—a meus olhos—occultae-a.
Não me deis—morte...morte de—covarde...
(*desfalece*)

MARCO-BRUTO.

Oh meu pae !
(*Procuram estancar-lhe o sangue.*)

MANLIO.

Meu amigo ! Que velhice,
Que extremos dias me guardava o fado !

(*Ouve-se alarido de soldados que se approximam. Tiram todos as espadas.*)

JUBA.

Morramos defendendo este cadaver.

CATÃO.

(*tornando a si*)
Impios !—o juramento...

SCENA XI.

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO; DECIO *com legionarios de Cesar.*

DECIO.

Paz! clemencia!
Paz em nome de Cesar! Honra e glória
A seu nobre inimigo, ao homem grande
Que o dictador magnanimo respeita,
(dá com os olhos em Catão)
Ama, e...—Oh! que vejo! tu...

CATÃO.

(esforçando-se para fallar.)
Ja—na...da—
Tenho...que...receiar...de...suas...íras...
Nem...de...seus beneficios...—Mas, amigos,
Vós me trahis! Porque...vedar-me o sangue?
Deixae-me—eu sei morrer.
(mette as mãos ambas na feridu, e rasgando-a com um último esfôrço, exclama:)
Oh...Ro...ma!
(expira.)

MANLIO.

É morto
Com a patria nos labios.—Ai, que patria
Lhe fadaram os ceos!
(Silencio longo)

MARCO-BRUTO.

(para Decio)
Contempla, indigno,
Contempla a tua obra. Le, perverso,
No horror d'aquella chaga os teus delictos.
Colhe, escravo, esses louros sangüinosos,

Leva-os a teu senhor : dá-lhe, que o beba,
Na taça da ambição aquelle sangue...
C'um parricidio mais orna-lhe a glória.
Que mais quer, que lhe falta ? Esse malvado
Porque não vem gosar do seu triümpho ?
Venha, venha rever-se no seu crime ;
Venha, venha folgar sôbre o sepulcro
De Catão e de Roma...Quer mais sangue ?
Resta-lhe o meu...—Pois venha derramá-lo :
Tome-o, dou-lh'o:—resgate-me da infamia
De o trazer n'éstas veias...—mate a sêde
Do coração atroz...

DECIO.

Lembra-te, ó Marco,
Da carta...

MARCO-BRUTO.

Que vieste recordar-me !
(*pausa*)
Sabes o que disseste ?—Mal conheces
Que sentença de morte proferiste.
Eu, elle não...—Porquê? o parricida
É elle, não sou eu. Se é d'elle o sangue,
Para que m'o legou com tantos crimes ?
—Abominado sangue !...
(*Depois de breve pausa. vai direito a Decio, trava-lhe da mão, e appontando para o cadaver, continúa:*)
Ves aquelle ?
Aquelle sangue é que é o meu, escravo.
Sorvi-o, gotta a gotta, co'estes labios;
E entrou no coração, todo ;—aqui todo
M'o deixou a vingança enthesourado.
(*Ajoëlha deante do cadaver, arranca-lhe o punhal, e levantando-se com elle na direita :*)
Este ferro, este ferro precioso
É legado d'um pae...—Pae...oh, que nome !

Onde ha maldicção como ésta minha ?
Sou filho d'elle, sou :—e heide mostrar-me
Digno do pae no parricidio...—Oh ! tremes,
Covarde coração ! Que horror ! Eu filho
D'elle...d'elle !—Não sou ; é falso : mente :
Sou filho so de Roma.—Pae ja tive...
(apontando para o cadaver).
Quem m'o roubou ?—O mesmo parricida
Que matou Roma. E heide eu ter remorsos?
Remorsos !...—Ensinou-me a desprezá-los
Esse a quem devo....—Devo so vingança.

Pronuncia as tres últimas palavras com grande brado, e alevantando a espada para o ceo.—Cai o panno.

FIM DO ULTIMO ACTO.

CATÃO,

TRAGEDIA;

DEDICADA A' MUITO-NOBRE, MUITO-ANTIGA E SEMPRE-LEAL

CIDADE DO PORTO.

Segunda edição muito correcta e augmentada—ornada com as armas da illustre "Cidade da VIRGEM," abertas por um dos mais habeis artistas inglezes. *Londres* 1830.—*preço* 2*s.* 6*d.*

Esta drama, ja assás conhecido em Portugal, sahiu na primeira edição, impresso com muita incúria. Achando-se ha dous annos extincta aquella primeira edição, o auctor approveitou um momento de repoiso para o emendar com muito cuidado e fazer menos indigno da extraordinaria e mui lisongeira indulgencia do Público.—Tito-Livio, Plutarcho e Tacito, commentados pela experiencia de dez annos de revolução, guiaram o auctor d'ésta tragedia nas reformas que n'ella fez, no desenho de seus characteres, no colorido de muitas scenas que, na primeira edição, visivelmente mostravam a mão inexperta do pintor, que as traçava sem ter d'onde copiar *d'après nature.*—O assumpto é o mais nobre, mais heroico e mais tragico de toda a historia antiga e moderna. Representando as últimas agonias da mais forte, mais solidamente constituïda republica da antiguidade,——a *moralidade politica* do drama naturalmente reflecte muita luz sôbre a grande questão que agora agita e revolve o mundo:—e mostra (talvez mais claro do que nenhuns tractados) a superioridade das modernas fórmas representativas, e a excellencia da liberdade constitucional ou monarchica. O leitor, o spectador tirará sem esfôrço a conclusão do poëta:

Nunquam libertas gratior extat
Quam sub rege pio.

TRACTADO GERAL

DE

EDUCACÃO,

PARA AMBOS OS SEXOS

E PARA TODAS AS CLASSES,

Comprehendendo tanto a educação pública como a privada ou doméstica.

POR J.-B. DA S. L. DE ALMEIDA GARRETT.

É obra que foi honrada com a assignatura de SUA MAJESTADE FIDELISSIMA, e a primeira e unica que appareceu atégora na lingua portugueza sôbre este assumpto. O auctor reüniu, como em um quadro, o melhor do que anda disperso pelos innumeraveis volumes que tractam de tam importante materia, juntando-lhe suas proprias observações, e appropriando tudo aos costumes e habitos portuguezes. Dividiu a educação em suas tres especies, *do corpo, do coração, e do espirito;* procurou assignalá-las bem; e desd'a infancia até á idade perfeita levou o educando por todas ellas, passo a passo. *Londres* 1829.—*Edição rica, em papel superfino, e elegantissima—preço* £1.

OUTRAS OBRAS PORTUGUEZAS QUE SE ACHAM A VENDA EM CASA DO AUCTOR, E DA DE S. W. SUSTENANCE, 162 PICCADILLY.

CAMÕES—poëma em X cantos: *París* 1825—*preço* 6*s*.

Mr. Kinsey na sua viagem a Portugal, 1829, dá a seguinte idea d'este poëma:

"The Camões, the subject and hero of which is the immortal author of the Lusiad, the unfortunate bard of Lusitania. There is a novelty in the plan of this poem. Forgetting his old Greek and Roman masters, the author without becoming the copyst, for he is perfectly Portuguese throughout, catches the manner of Shakespeare, and sometimes reminds us of the flexibility of Scott, at others of the force of Byron. The adventurous life of Camões, his voyages, his attachments, his misfortunes, and his immortal poem have furnished some splendid pictures; the narrative is romantic, simple, and interesting: and the poetical ornaments are numerous and happily chosen. Admired as this poem is by the Portuguese, we might venture to promise it success if introduced to us in an English dress."——*Kinsey's Portugal illustrated.*

D. BRANCA, *ou a conquista do Algarve*, romance publicado pelo auctor de CAMÕES. *París* 1826—*preço* 6*s*.

Este romance, cujo assumpto é tirado das antigas chronicas portuguezas, descreve os costumes dos Portuguezes no XIII seculo, e dos Mouros que então occupavam Portugal, e abraça uma das mais interesantes epochas de nossa historia. O seu maravilhoso é a mythologia nacional, as crenças populares de incantamentos, bruchas, possessos etc. A scena, começada no convento de Lorvão aopé de Coïmbra, estende-se por parte da Beira, Estremadura, até aos ultimos Algarves.

Eis aqui o juïzo do mesmo auctor inglez sôbre este romance:

"D. Branca or the conquest of Algarve, a poem perfectly singular in its kind, and perhaps without example in any modern language. Though resembling in some slight degree the Orlando furioso of Ariosto, and in a little also the Oberon of Wieland, it possesses no decided character in common with either. It is a curious combination of the serious, the sentimental, the burlesque, the philosophical and the marvellous; and is aided by the introduction of fairies and enchantments, princes and monks. Without the license and impiety of the Don Juan of Byron, it is still equally extravagant. But Don Juan, we should remark, is a picture of modern manners, while the Dona Branca is a representation of the ancient state of society."——*Ibid.*

ADOZINDA—romance pelo mesmo auctor. *Londres* 1828—*preço 6s.*

É uma imitação moderna do genero dos antigos trovadores e menestreis. O assumpto é tirado de uma das cantigas populares e tradicionaes que se cantam nos campos em Portugal,—como a da "Bella-infanta" do "Conde Anardo" de "Bernal francez" etc.—Vem precedido de uma carta ou breve memoria sôbre a antiguidade e natureza da poësia romantica-popular em Portugal. —O auctor quiz tentar em Portuguez e com os dispersos elementos de nossa archeölogia, o mesmo que os mais illustres poëtas e romancistas modernos (entre os quaes Sir W. Scott) com tam feliz successo teem conseguido em Inglaterra e Allemanha.

LYRICA DE JOÃO MINIMO—pelo mesmo auctor *Londres* 1829 *preço 6s.*

É uma collecção de odes no genero horaciano, e de canções no stylo romantico. Precede-a uma curiosa notícia da vida e feitos do Sr. João Minimo, seu auctor, com a descripção de um Outeiro de freiras em noite de S. João, do convento de Odivellas, e várias outras coisas dignas de toda attenção.

A VICTORIA DA TERCEIRA.—*Londres* 1829 *preço* 1*s.*

Poëmeto consagrado ao glorioso feito d'armas de onze de Agosto de 1829.

N. B. Éstas cinco obras são nitidamente impressas, uniformes e destinadas a fazer collecção. Seu preço, compradas junctas, é de £1.

Comprando-se junctamente com o TRACTADO DE EDUCAÇÃO, custará tudo somente £1 10*s.*

A collecção completa com a tragedia Catão £1. 12*s.*

R. Greenlaw, Printer, 39, Chichester Place.

PQ 9261 A575C36 1830
Almeida Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
Catão 2. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY